

José Hamilton
Jornalista

A realidade mágica brinca de sonho na prosa de um eterno aprendiz de feiticeiro

A história é real, embora possa se produzir em caso de sonho. Não o dele, mas dos entrevistadores que esperaram por aquele instante. E não foi conversa pouca. O tempo ali não tinha pressa e a tarde se esquivou em virar noite.

Surgiu alto e apesar do andar cansado, os olhos brilhavam com um mistério profundo e com tanta vivacidade como se tentassem filtrar nossos pensamentos. Com a simplicidade de sempre, admirou-se do número de "repórteres-aprendizes" que ali estavam apenas para descobrir um pouco mais daquele mundo. "Bem que podíamos fazer um baile depois pra rolar uma Martine", riu-se.

José Hamilton Ribeiro, o maior repórter brasileiro de todos os tempos, é um daqueles personagens encantados. Um herói de cabelos brancos vindo de terras distantes, quem sabe imaginárias. Nas batalhas, tem apenas o objetivo de transformar a realidade, criando uma nova moral para a história.

Simples como um Zé, carrega na fala doce e na prosa mansa a mística interiorana de um homem comum. Um caipira apaixonado pela terra, pela gente e pela profissão, o Jornalismo. Se tivesse sido inventado, certamente diríamos que ele saiu de um reino o qual pertencem "miguilins" providos de extrema sensibilidade, perspicácia e poderes extraordinários.

Zé é telúrico. O cenário rural da pequena Santa Rosa de Viterbo, no interior de São Paulo, compõe os primeiros capítulos da vida de José Hamilton. Na infância e parte da adolescência, morou em uma casa-fazenda junto com os pais e os sete irmãos. O pai, Sebastião Hamilton Ribeiro, era agricultor e funcionário da prefeitura municipal. A mãe, Maria José Ribeiro, dona-de-casa e responsável por manter as rédeas da família.

Menino arteiro, desde moleque inventava causos para animar o município. As lendas criadas por ele até hoje são famosas. Só quem é de Santa Rosa de Viterbo é que conhece o tal do Tirisco. Um mamífero? Um roedor? Tem rabo ou não tem? É coelho? No fabuloso causo criado por Zé, o Tirisco existe sim e vive escondidinho nos confins de Santa Rosa, esperando que algum caçador corajoso vá capturá-lo.

Ainda meninote foi virar jornalista em São Paulo. Estudante de Jornalismo dividia a rotina da faculdade com os trabalhos n' *O Tempo* e na *Rádio Bandeirantes*, onde teve a primeira aula de "antijornalismo" e ouviu os maiores nomes da moda de viola trautearem as canções que inebriam a alma.

Em meio à gente "feia" e com "bafo de onça", Zé fez escola e deu cara nova à imprensa brasileira. Para viver a "grande reportagem", fez e tentou de tudo, até ser "preto". Na narrativa modesta, ouvimos uma trajetória de sucesso em veículos como *Realidade*, *Folha de São Paulo* e *Globo Rural*.

A cegueira da paixão jornalística e o instinto de herói unidos à vontade de contar a história que viu e ouviu levou o jovem repórter à cobertura da Guerra do Vietnã. Um repórter é um repórter e sua circunstância?

Soldado mesmo, presenciou nos quinze dias no *front* uma disputa de leigos e lépidos. Em campo de batalha, sentiu nas misturas de dor, sangue e pólvora o gosto da guerra. No Vietnã, perdeu uma perna, mas não a paixão pelo Jornalismo e, de volta ao Brasil, foi cuidar das redações no interior de São Paulo em um tempo que "o jornal sujava as mãos e a alma".

Com 72 anos de idade, 52 anos de profissão e sete prêmios Esso, o nosso entrevistado viu o Jornalismo brasileiro se transformar. Tantos anos de profissão dão a idéia de que Zé é a própria representação do meta-jornalismo ambulante ou de uma enciclopédia de reportagens.

Incansável jornalista, o "repórter do século" trava diariamente a luta interna por uma boa história. No Jornalismo "up-to-date", ele transforma informações em poesia, combinando a agilidade da vida urbana com a lentidão do mundo rural.

Zé é um eterno aprendiz de feiticeiro que faz do espetáculo do homem o próprio ser humano. Nas profundezas dos Brasis, Zé Hamilton cava inquietudes e curiosidades, arrancando da terra pequenos feitiços: as reportagens. Os trabalhos dele representam nada mais que o olhar embriagado deste repórter com os mistérios do mundo.

Experiente como um mestre e humilde como um aprendiz, o nosso entrevistado carrega consigo fórmulas mágicas para o exercício do Jornalismo e para a prática da vida. É preciso acreditar: ele possui origem verdadeira. Zé apareceu-nos humildemente e, com sorrisos arrancados aqui, acolá, dava aulas de preparação para batalhas e vitórias.

Nos vários atalhos da vida de José Hamilton Ribeiro, podemos nos encontrar retratados num universo mágico dos muitos causos e personagens que compõem sua trajetória. Zé é vasto. Essa é uma conversa para se perder e mergulhar nos caminhos desenhados por ele. Aqui, a realidade mágica brincou de sonho. Só a pura vida!

Ficha Técnica

Equipe de Produção:

Isabelle Bento
Julianna Sampaio
Rafael Ayala

Entrevistadores:

Aline Ayala
Carol Borralho
George Facundo
Isabelle Bento
Ítalo Coriolano
José Anchieta
Julianna Sampaio
Rafael Ayala
Rafaella Parente

Texto de abertura:

Julianna Sampaio

Fotografia:

Carol Domingues

Entrevista com José Hamilton Ribeiro, dia 19 de outubro de 2007.

Isabelle – Nós temos aqui uma citação sua, Zé, onde você diz que: “Repórter é como goleiro, tem que ter sorte”. Em 1956, você saiu do jornal *O Tempo* e foi para a *Folha de São Paulo*. Podemos considerar isso um tiro de sorte na carreira de José Hamilton Ribeiro?

Zé Hamilton - Olha, eu falo em sorte na minha carreira porque eu acho que o homem é o homem e a circunstância; o homem e a sua circunstância, como diria o Fernando Pessoa (*poeta e escritor modernista português, 1888-1935*). Então, eu fui pra *Folha* com 20 anos em um momento em que a *Folha* se chamava *Folha da Manhã* e era um jornal voltado pra agropecuária de São Paulo. Naquele momento mudou de nome para *Folha de São Paulo* e passou a ter uma pretensão de ser um jornal brasileiro, um jornal de alcance nacional. Um objetivo que alcançou dentro de algum tempo de ser o maior jornal brasileiro, de maior tiragem, que é ainda hoje. Então eu tive sorte de chegar jovem repórter numa empresa que estava investindo no Jornalismo, investindo em reportagem. Então eu pude beber da fonte daqueles grandes repórteres da época e eu próprio saí para fazer reportagem.

Outro dia eu estava em Brasília e ia fazer uma palestra na Embrapa (*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*). Eu tinha feito um esqueminha da palestra, mas o começo não estava legal. A palestra era à tarde. De manhã eu fui visitar a Catedral de Brasília e ali do lado tem, não sei se vocês conhecem, aquela exposição de plantas do Cerrado, arranjos florais com plantas do Cerrado que eu acho bonito. Então fui passar a manhã lá em volta disso. Aí entrando na Catedral de Brasília vi lá a cruz da primeira missa de Brasília e a data. Me lembrei que eu tinha feito a cobertura da primeira missa de Brasília, com 21 anos. Aí quando eu cheguei lá, falei: “Ah pronto, já achei o começo da palestra. Tá aí, né?!” Então a palestra era às 14h, atrasou um pouco porque o ministro, que ia estar presente, chegou atrasado e disse que tinha que sair mais cedo porque tinha sido convocado pra uma reunião no palácio. Então a organização era assim: o presidente da Embrapa abria a sessão, eu fazia minha palestra e, em seguida, o ministro falava e encerrava. Mas como o ministro estava com pressa eu sugeri a ele, falei: “Olha, faz o seguinte, o presidente da

Embrapa abre, o senhor fala o tempo que quiser e já anuncia que tem que ir embora e assim o senhor não precisa assistir a minha palestra”. Ele disse: “Boa idéia, obrigado”. Aí então abriu, o ministro falou o que ele queria falar e anunciou que iria sair, que não era nenhuma descortesia em relação a mim, tinha um chamado do Palácio, uma reunião, e eu me lembro que eu comecei assim: estava um dia em Brasília, acho que era um dia de mensalão, dia nervoso, quente, muita eletricidade no ar (*Zé quer mostrar com essa comparação que o clima era tenso*), e o ministro você via que estava nervoso, não sabia direito que reunião que era lá no Palácio aí eu comecei a palestra assim: “Eu não sei se é esse o lugar nem o momento certo, mas eu não resisto de contar essa história porque muita gente aqui em Brasília que, pra despicar de mim, diz que eu sou um jornalista tão antigo que eu cobri a primeira missa do Brasil. Isto é uma maldade, é pura maldade. Agora a primeira missa de Brasília eu cobri mesmo”.

Então, você vê, com 21 anos, fui mandado por um jornal de São Paulo pra cobrir um acontecimento importante, como era a primeira missa de Brasília, é que você tava em um lugar em que se dava oportunidade de se mexer. Então eu fui pra *Folha* nessa condição. Depois da *Folha* eu fui pra editora *Abril* num momento em que a *Abril* passava de ser uma sucessão de escritórios para uma grande editora jornalística, até se tornar a maior editora da América Latina. Eu estava lá no momento em que ela cresceu. Aí quando chegou a censura na imprensa, não com o governo militar, mas com o Ato Institucional número 5 (*baixado pelo presidente Costa e Silva em 1968, revogou os dispositivos constitucionais de 67, além de ter reforçado os poderes discricionários do regime militar no Brasil*), porque teve alguns anos de governo militar sem censura, com os partidos funcionando. Veio a censura pra valer e os jornais de São Paulo e do Rio, as revistas e as televisões se acomodaram de um jeito ou de outro e não tinha lugar pra repórter; pra repórter do tipo de reportagem que eu fazia. Aí a esperança foi trabalhar em jornais do interior, reformar jornais do interior do Estado de São Paulo.

Aconteceu que em Ribeirão Preto, no ano de 74, existiam quatro jornais na cida-

Zé Hamilton foi o último a ser escolhido durante a votação da turma para eleger os entrevistados. A maioria dos alunos não acreditava que Zé viria a Fortaleza.

A 6ª colocação se deve ao receio da impossibilidade de a entrevista acontecer. “Ele não vem” era o que mais se repetia entre os alunos.

Depois de uma saga por redações da *Globo*, vistorias em *Orkut* e buscas na Internet, uma esperança surge.

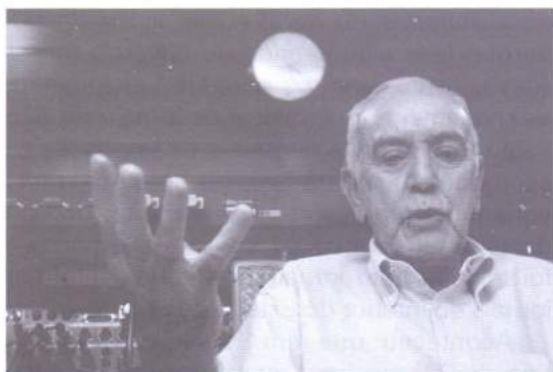
Zé Hamilton havia ministrado uma palestra na Univap (Universidade Vale do Paraíba) em agosto. Se ele ministrou uma por lá, por que não uma no Ceará?

O contato com Ernesto de Souza, fotógrafo da *Revista Globo Rural*, foi fundamental. O telefone dele foi cedido pelo professor Miura, coordenador do Curso de Comunicação da Univap.

de, quatro jornais diários e todos eles com tecnologia do século XIX. Vocês acho que nem têm idéia, né?! Mas o jornal era feito assim: tinha a redação e do lado da redação tinha uma oficina. Uma oficina de fundição de chumbo. Não sei se o Ronaldo (*Ronaldo Salgado, jornalista e professor orientador da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso – UFC*) pegou isso. Acho que não, né? Porque a composição do jornal era feita com a fundição do chumbo. Então pegava uma barra de chumbo, jogava lá num tacho a mil graus, derretia aquele chumbo e aquele chumbo saía por uma canalheta e entrava numa máquina chamada linotipo – disso vocês sabem, né? – e a linotipo ia fazendo letrinha por letrinha até compor a palavra, depois a linha, depois tudo. Jornal era feito assim! Então a redação trabalhava do lado de uma siderúrgica. Um calor desgraçado. O pessoal da siderúrgica, como lá emanava gases venenosos, aquela fundição, eles tinham que tomar leite de hora em hora e eles trabalhavam sem camisa. Depois ficavam lá suando e entravam na redação. Era um ambiente ruim, né? O processo de impressão no jornal era o processo tipográfico, com composição a quente, e depois a prensagem. O processo de composição era esse e o de impressão era a prensagem.

Em 74 fui chamado pra um jornal de Ribeirão Preto pra fazer uma reforma e coincidiu com a possibilidade de a gente levar para o jornal um computador pra fazer a composição a frio, uma maquininha desse tamanho, fria, com ar-condicionado, acho era o que o que precisava, e a impressão off-set, a impressão por fotolito. No dia em que o jornal saiu, os outros três entraram em pânico. Tiveram que mudar também porque o salto tecnológico é tão grande de uma pra outra que o jornal antigo, que vocês não conheceram, saía tinta na mão. Você pegava o jornal e saía tinta na mão. Sujava a mão e a alma. Na impressão off-set não. Então o salto de qualidade era tão grande que os outros jornais tiveram que fazer a mesma coisa.

Rafael Ayala – José Hamilton, eu queria voltar pro começo da carreira do senhor. Posso fazer uma pergunta?



Nas conversas, Ernesto se mostrou muito disposto a ajudar a equipe de produção. E forneceu o precioso contato de Zé Hamilton.

Isabelle: “Atenção, vou ligar agora”. Julianna: “Boa sorte para nós”. Diálogo nervoso minutos antes do primeiro contato com Zé Hamilton.

Zé Hamilton – Deixa eu só acabar esse negócio da sorte aí. Quando eu estava terminando o trabalho em Ribeirão Preto, um camarada de Rio Preto, que é outra cidade do Estado de São Paulo, me chamou pra fazer a mesma coisa lá. E daí eu fui pra Campinas fazer a mesma coisa. Fiquei admirado com Campinas, a terra de Carlos Gomes (*operista brasileiro mais conhecido por Nhô Tônico. É autor de óperas como “Fosca” e “O Guarani”*), uma cidade importante culturalmente, e, no entanto, a imprensa – isso já em 79 – continuava no século XIX. Em Campinas também aconteceu isso. Quer dizer, então nesse período em que eu não pude atuar com conteúdo no Jornalismo eu pude atuar na forma, na forma de reformar jornais do interior, que foi também muito gratificante. E estando nesse jornal em Campinas fui convidado pra *TV Globo*. Para um telejornalista, não tem melhor lugar que a *TV Globo*. Você pode xingar a *Globo* de vários nomes, mas ela tem um Jornalismo criativo, atuante, pujante, é inegável. Por isso eu digo que eu sempre tive sorte na minha carreira. Porque, se eu não tivesse sorte, talvez eu tivesse acabado empregado do *Bradesco*.

Rafael Ayala – O senhor falou que começou muito jovem. Quando era estudante da Cásper Líbero (*Faculdade de São Paulo*), entrou n’*O Tempo*. Muito jovem ainda foi pra *Folha*. O senhor teve alguma dificuldade no começo da carreira?

Zé Hamilton – Bom, eu estudava na escola Cásper Líbero (*fundada em 1943*), de Jornalismo, foi a primeira escola de Jornalismo do país. Eu não fui da primeira turma. Já fui de várias turmas pra frente. Você sabe, você entra na escola de Jornalismo e imediatamente o que acontece? Você conhece uma, duas, três, quatro ou cinco pessoas que estão interessadas na mesma coisa que você está, né? Mesmo que a escola seja ruim, os professores sejam ruins, mas você encontra gente interessada na mesma coisa. Aí você almoça junto, discute junto, conhece pessoas juntas e, se você se interessa, em qualquer lugar que seja, por um assunto, você acaba se ligando a gente que faz aquilo. Você se aproxima do jornal, do jornalista. Um amigo tem um tio que trabalha na *Folha* então eu te convido pra visitar a *Folha*. Você vai lá, fica conhecendo. Tem outro que trabalha n’*O Estado*. A gente acaba conhecendo esse ambiente. E o caminho de entrar pro Jornalismo na época era esse, conhecer o pessoal do jornal porque não exigia o diploma. Não tinha nenhum pré-requisito. Então, quando eu estava no primeiro ano da escola de Jornalismo, eu arranjei esse trabalho no jornal *O Tempo*. Ainda acho que

tinha 19 anos porque com 20 eu já estava na *Folha*. Esse episódio de Brasília foi quando eu tinha 21 anos.

Eu também devo dizer que, na verdade, eu não comecei a minha vida de jornalista n' *O Tempo*. Foi na *Rádio Bandeirantes*. Ainda nesse negócio de conhecer gente do meio. Alguém soube lá na *Cáspes Líbero* que a *Bandeirantes* estava procurando alguém no período da meia-noite às 6 da manhã. Eu tinha que ficar lá fazendo notícia com o material das agências e com outras fontes que a gente pudesse usar pra fazer noticiário de hora em hora que a *Rádio Bandeirantes* dava. Então o cara que tava fazendo desistiu porque era um horário ingrato; da meia-noite às 6, né? Eu fui pra lá e comecei o Jornalismo lá. De lá é que eu fui pro jornal *O Tempo*. E ali na *Rádio Bandeirantes* eu tive uma primeira aula de antijornalismo. Depois eu tive várias outras de antijornalismo.

Estava com alguns dias já naquele negócio da madrugada lá, ainda inseguro: "Pô, será que é isso, será que não é?", quando um morro de Santos – Santos você sabe, né, ali perto de São Paulo –, deu uma chubarada e o morro desabou. Desmontou o morro. Desceu a terra com casa, com gente... Uma tragédia muito grande! E aconteceu de madrugada. O locutor, que era o locutor da rádio, falou: "Olha, parece que houve uma tragédia em Santos". Aí a gente ligou na rádio de Santos e a rádio tava dando a tragédia. Eu pus uma notícia logo, pus uma notícia na frente e liguei pro meu chefe, chefe do departamento de Jornalismo da *Bandeirantes*. Ele falou: "Olha, se vira aí, telefona pra polícia, telefona pros bombeiros, vê se arranja informação que eu tô indo praí". Falei: "Ô beleza, o chefe vem e dá tempo, né?". Aí o chefe chegou lá: "O que cê conseguiu?" "Ó, falei com os bombeiros, falei não sei o quê, já dei essas notícias aí". Ele me falou: "Vamos fazer o seguinte..." Ele me pegou no corredor da *Rádio Bandeirantes*, que era um corredor comprido, e me encheu de caixa, de lata, tirou sapato, não sei o quê, e ele pegou o microfone na mão e começou a irradiar do local da tragédia: "Estamos aqui no morro do Marapé, em Santos, e a dificuldade pra andar..." e aí ele andava em cima da tábuca, em cima da pedra, das latas, fazia aquele barulho. "E a dificuldade pra andar. Olha aquela pessoa, ô eu ia falar com ela, mas ela caiu na água!" Olha... (*risos*). Primeira lição de antijornalismo. Nesse eu não aprendi muito mais do que isso.

Julianna – Gostaria de saber se você tem alguma referência, o nome de algum jornalista que lhe influenciou para começar no Jornalismo.

Zé Hamilton – Ah, é evidente que, quando eu era estudante na *Cáspes Líbero*, fica-

va de olho nos grandes repórteres daquela época, que eram os da *Folha*, *Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e os da *Revista O Cruzeiro*. Inclusive alguns cearenses, entre eles o Luciano Carneiro (1926-1959. *Jornalista cearense, foi correspondente da Guerra da Coreia para a revista O Cruzeiro*) e o Luiz Carlos Barreto (*jornalista e cineasta cearense. Como diretor de fotografia em cinema é autor das concepções fotográficas de Vidas Secas e Terra em Transe, que revolucionaram o estilo fotográfico dos filmes brasileiros*). Eu ficava vidrado com a atividade desse pessoal, procurava ler o que eles faziam e saber coisas deles, como é que eles conseguiam aquelas coisas. Então os nomes deles hoje não significam mais nada porque já se vão 52, 53 anos. Esses nomes hoje não significam nada pra vocês, mas na minha época era o referencial que eu tinha.

Anchieta – E o que senhor pôde aprender com eles?

Zé Hamilton – Olha (*pausa*), há dois anos atrás eu fiz 50 anos de reportagem. Então uma escola de São Paulo me chamou e uma das perguntas foi essa. O que você aprendeu em 50 anos de reportagem que você pode passar pra nós? Falei: "Olha, eu aprendi duas coisas. Primeiro que azeitona preta é tingida. E segundo que, em geral, a torneira de água quente no banheiro é do lado esquerdo. O resto, no Jornalismo, você tem que aprender todo dia". Senão você fica pra trás. É uma profissão cada vez mais competitiva e que mexe com a tecnologia de ponta. Se você perder o passo, você fica rapidamente pra trás.

Anchieta – O senhor com cerca de 20 anos foi pra *Folha de São Paulo*; idade que muitos de nós temos aqui também. Que sentimentos o senhor teve quando o senhor fez a sua primeira reportagem?

Zé Hamilton – Eu vou roubar um pouco a sua pergunta. Entrar numa parte dela. Que

“Na Rádio Bandeirantes eu tive uma primeira aula de antijornalismo. Depois eu tive várias outras... de antijornalismo (...) Eu não aprendi muito mais do que isso.”

Após quase um mês de buscas, Zé Hamilton atende à ligação e responde ao convite com: "É só marcar a data". Tudo virou alegria; e trabalho, muito trabalho.

Inicialmente, a entrevista estava marcada para o dia 4 de dezembro de 2007, já que Zé Hamilton foi eleito o sexto na ordem dos entrevistados da revista.

A data sugerida foi descartada tendo em vista a sugestão do entrevistado. "Olha, pra mim é melhor até o dia 19, 20 de outubro".

Depois da incansável procura pelo repórter, a entrevista foi antecipada para o dia 19 de outubro. A produção não sabia se era motivo de comemoração ou de desespero.

sentimento eu tive quando eu entrei na redação da *Folha*, né? Então, eu era estudante da *Cáspere Líbero*. Trabalhava de noite na *Rádio Bandeirantes*. Não, aí já não. Já estava no jornal *O Tempo*. D'O *Tempo* foi que eu fui pra *Folha*. E eu fui negociar lá a entrada na *Folha* com a pessoa indicada, que eu não lembro mais quem era, se era o chefe de reportagem naquele tempo. Ele falou: "Olha, você começa amanhã. Amanhã de noite. Você chega aqui às oito horas da noite". Isso são 52 anos atrás. Eu, com 20 anos, 19 anos, cheio de gás, cheio de hormônio, imagine! Chego na *Folha* de noite. Quando eu vi aquela redação. Falei: "Pelo amor de Deus! Será que eu vou virar isso aí? Que gente feia!". Mal tratada, pele mal tratada, dente mal tratado, cabelo mal tratado. Uma boa porcentagem com bafo de onça, né? Bebeu antes de ir pra lá. A outra meta-de ia beber depois. Nossa! Fiquei apavorado. Quase que eu volto. Será que eu vou ser um deles daqui a algum tempo? Ooolha, mas eu não voltei. Fui trabalhar mesmo assim. E depois eu descobri que aquelas pessoas feias, aparentemente tão desagradáveis, algumas eram ótimas! Tinha nó cego, claro. Em todo lugar tem. Mas tinha algumas pessoas fantásticas, muitos poetas belíssimos, pessoas humanas incríveis. Mas eu conto isso porque hoje, quando eu entro na *Folha* o panorama é outro. É uma redação iluminada, uma moçada bonita, tanto rapazes quanto moças. Nossa! Tudo moderno, tudo *up-to-date* (*expressão que significa atualizado*). Mudou o Jornalismo. Mudou muito. O Jornalismo do tempo em que eu entrei pro Jornalismo de hoje. E uma das causas principais dessa mudança foi as escolas de Jornalismo.

Isabelle – Zé, foi nessa época da *Folha* de São Paulo que você começou a exercer a prática da grande reportagem. E como produto desse trabalho vieram algumas premiações. Boa parte desses prêmios são de reportagens ligadas à saúde, temas que envolvem saúde. Você se sente mais à vontade com essas temáticas, Zé?

Zé Hamilton – Olha, também é a coisa da circunstância. Na *Folha*, eu comecei a mexer com esse negócio de Jornalismo Científico, que é fazer reportagens sobre assuntos de ciência. Comecei na *Folha* e trabalhei na *Folha* junto com o J. Reis (1907-2002), que é considerado o paradigma do Jornalismo Científico Brasileiro, porque ele era biólogo e também jornalista. Ele levou pro jornal essa coisa de uma pessoa que escreve sobre as várias ciências, que é o que acontece hoje.

Hoje um jornalista da *Folha*, do *Estadão*, do *Globo*, do *Jornal do Brasil*, tem um departamento lá de cobertura de ciências e aquele pessoal cobre qualquer ciência que

ocorrer, seja Astronomia, Física, Medicina, Geografia. Mas antes do J. Reis, o jornal tinha um especialista pra cada ciência, pra cada ramo do conhecimento. Se acontecia alguma coisa na Medicina, era um médico que ia escrever aquele negócio. Aí acontecia o seguinte: o médico... "Aconteceu isso, chegou um telegrama que aconteceu, digamos, transplante de coração aí você precisa escrever uma matéria". O cara fala: "Não, pra hoje não dá. Então deixa pra depois de amanhã, né?" Só ele que fazia, ele que deixasse pra depois de amanhã, né? Então pra fazer Medicina tinha um médico, pra fazer Agronomia tinha um agrônomo, pra fazer Física tinha um físico, aí acontecia o fenômeno do especialista, quando escreve, ele escreve voltado pros seus pares, não pro leitor comum. O sujeito era especialista, escrevia pros especialistas, que possivelmente não liam aquele jornal e as pessoas que liam o jornal não entendiam nada porque era uma linguagem de jargão.

Isabelle – Técnica, né, Zé?

Zé Hamilton – É, um jargão técnico. Um dialeto da tribo; respectivo. O J. Reis, ainda que não fosse jornalista cem por cento, porque ele era de formação acadêmica, pesquisador, biólogo, mas ele já foi um cara que escrevia sobre toda a ciência, não só sobre a área dele. E o próximo passo foi o seguinte: o jornalista tem que se instrumentar pra ele escrever reportagem sobre o assunto que for. Se ele é jornalista de geral, que geralmente é por onde a pessoa começa no jornal, na reportagem geral, cada dia ele tem uma pauta diferente. Tem que enfrentar aquilo. Como é que ele vai enfrentar? É impossível uma pessoa que conheça tudo. Isso não existe. Então o jornalista tem que saber pesquisar, procurar a fonte certa, ter cuidado de não ser emprenhado pela orelha com bobagem, o que acontece muito, e cuidado de verificar e checar a informação. Enfim, aí que vai estar a diferença do bom jornalista pro mau, ou do jornalista que vai ter carreira no jornal pra aquele que não vai ter porque o sujeito recebe hoje uma pauta sobre botânica, aí vai fazer uma matéria sobre o Baobá da praça. Amanhã tem que fazer uma reportagem sobre os pescadores do Mucuri. E no outro dia, no outro dia não, no mesmo dia, às vezes, no mesmo dia tem que fazer uma reportagem que chegou o Ministro da Fazenda. O mesmo cara vai ter que enfrentar três coisas diferentes. É impossível um repórter que saiba tudo. Ele tem que ter bom senso, capacidade de esforço pra pesquisar, pra levantar informação.

Carol Borralho – Zé, o senhor já colocou que o caminho do brilho de uma boa reportagem é reunir as funções de estrutura que tem duas pernas: a parte da empresa e a parte humana.

Estávamos em 9 de outubro. A produção não poderia imaginar quão rapidamente passaríamos 10 dias até a entrevista.

A produção teve apenas o prazo de uma semana para realizar entrevistas com familiares e amigos de Zé Hamilton, fazer o material de apoio e produzir a pauta.

No caso do Brasil, qual é o principal motivo pra que freqüentemente essas duas pernas não estejam sincronizadas?

Zé Hamilton – O Brasil está num mau momento de Jornalismo, principalmente na parte de Jornalismo escrito. Pra você ver, a minha avaliação é sempre tendo em vista lá o Sul. Não sei a realidade do Ceará. Estou pensando nos grandes jornais do Rio e de São Paulo. O momento é de crise porque as empresas que têm jornais investiram muito dinheiro em novas tecnologias, em cabo de fibra ótica, em telecomunicação do ponto de vista de engenharia. Se endividaram com isso e a empresa, estando com dificuldade econômico-financeira, comprime a redação.

Você vê que os dois (*principais*) jornais brasileiros não têm grandes repórteres, não têm grandes duplas de repórter e fotógrafo indo pra todo lado. Então o momento é assim um momento de enxugamento de redação nos grandes jornais do Rio e de São Paulo. Também Brasília, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul. Essa análise pega do Sudeste pra baixo. Não sei a realidade aqui do Nordeste nem do Norte, mas penso que também haja alguma semelhança porque geralmente as empresas que tinham os jornais antigos, quando houve a televisão, abriram também televisão. Televisão exige mais. Exige mais capital, exige mais dedicação do empresário. Ele acaba privilegiando a televisão em detrimento do jornal. Então uma análise que eu posso fazer é por aí. Por enquanto.

Aline – José Hamilton, você tem algum exemplo de um veículo que esteja reunindo, hoje, essas duas condições?

Zé Hamilton – Bem, aí a gente tem que avaliar resultados. Por exemplo, parece que o jornal *O Globo* está passando por uma boa fase. De compatibilização da empresa e a equipe. Estão fazendo muita coisa, muita iniciativa. Na área das revistas, tem uma revista, a *Piauí* (*revista da Editora Abril que traz reportagens, crônicas, perfis e diários baseados no Jornalismo Literário*), que de uma certa maneira reproduz o fenômeno que houve em *Realidade*.

Na *Realidade* foi o seguinte: montou uma boa equipe de profissionais e pôs o dono da empresa como o diretor de redação da equipe. Com isso, alargou muito a possibilidade de orçamento da redação. O homem do dinheiro tava ali, né? Convivendo. Então a pressão sobre ele quando, por exemplo, o repórter estava viajando e telefonava dizendo: "Preciso ficar mais cinco dias aqui porque não deu pra completar". Se é um diretor de redação fraco, fala: "Não, vem embora que acabou o dinheiro. O orçamento pra essa reportagem acabou. Pode vir embora. Se vire". Agora

tendo o dono do dinheiro ali, aí a pressão do editor-chefe, dos editores em cima, ele acaba cedendo, enfim.

Bom, o que aconteceu em *Realidade* foi isso e de certa maneira está se repetindo na revista *Piauí*. Tem uma equipe de redação importante, de jornalistas brilhantes, e tem o dono da empresa ali junto. E na área da revista, além da *Piauí*, tem uma outra experiência em São Paulo, não sei se vocês estão acompanhando, a revista *Brasileiros*, que é um pouco diferente na medida em que não tem padrão. São três jornalistas que organizaram e conseguiram um meio de a revista sobreviver durante um ano. Então ela tem que, durante um ano, provar auto-suficiência. E esses três jornalistas são Ricardo Kotscho (*jornalista, autor do livro Do golpe ao Planalto – Uma vida de repórter*), Nirlando Beirão (*jornalista, tem passagem por grandes veículos da imprensa nacional, como o jornal Última Hora e as revistas Isto É e Carta Capital*) e o Hélio Campos Mello (*fotógrafo e jornalista. Participou da criação da revista Isto É, dirigindo a revista por 12 anos*) que são três caras do primeiro time do Brasil. E essa revista também está despontado. Vamos ver qual das duas vai sobreviver, ou se as duas vão sobreviver. Porque eu acho que é uma coisa que vale a pena a gente ficar de olho.

Isabelle – A *Realidade* foi um marco pro José Hamilton Ribeiro, e nessa época, a gente deu uma estudada aqui sobre esse período da sua vida, você quis ficar preto, Zé. Que história é essa de ficar preto pra fazer Jornalismo?

Zé Hamilton – Bem, essa é uma das coisas que a *Realidade* fez e foi um avanço... Porque o seguinte: o jornalista, o repórter, ele não pode escrever uma linha se ele não tiver certeza daquilo. É muito comum a gente ver na televisão e eu vi há uns dois ou três dias num telejornal - nacional hein, de rede nacional - o camarada dizer que uma lontra e um coioete invadiram uma cidade de Ribeirão Preto. Aí quando aparece a imagem, a lontra não é lontra, é capivara, e coioete só existe em filme de caubói americano, não existe no Brasil. Então era uma raposinha do mato lá, né? Então como é que um jornal, de exibição



Devido ao pouco tempo de preparação para a entrevista com Zé, Ronaldo, orientador da disciplina, perguntou se a produção ia aceitar mesmo o trabalho.

"Pra que dormir se a gente pisca?", foi a corajosa resposta dos produtores. Mal sabiam que a brincadeira iria ser a realidade dos próximos dias.

O trabalho dos alunos, somado ao grande apoio da Coordenação e do Departamento de Comunicação, foi essencial para a realização da entrevista com Zé Hamilton.

O voo, marcado para chegar às 23:05 do dia 18, sofre um atraso. Zé Hamilton só surge no portão de desembarque à 00:28h. Tudo era ansiedade e felicidade.

A produção entrou em contato com alguns familiares de Zé Hamilton. Um dos parentes, Gabriel Mussolin, foi localizado por meio do site de relacionamentos Orkut.

nacional? Quer dizer, a matéria foi feita em Ribeirão, passou por editor em Ribeirão, aí foi mandada pra São Paulo. Alguém recebeu aquilo. Alguém editou aquilo. Aí passou pro editor-chefe, que fez o texto pra ler e ninguém viu? Ninguém soube a diferença entre uma lontra e uma capivara? Ninguém percebeu que coiole é só coisa de filme americano? Mas, então, é muito comum no Jornalismo diário, aí é em função do atropelo, do tempo, do deadline, o repórter escrever uma coisa que ele não tem certeza. Chamar uma capivara de lontra. Mas era muito mais comum do que hoje.

A *Realidade*, então, foi um primeiro exercício, e se permitiu a isso porque era uma revista mensal também, era uma revista experimental. Não podia experimentar isso num jornal, parar o jornal, fazer tudo desse jeito, que aí não tinha jornal pro dia seguinte. Mas o repórter só escrevia uma linha quando ele tivesse certeza do que ele estava falando. E pra isso ele precisava ter vivência do assunto. O repórter pegava um assunto, ia vivenciar esse assunto na medida mais próxima possível.

Quando eu fui fazer uma reportagem sobre "Ser operário em São Paulo", eu arranjei emprego na fábrica, fui morar junto com os operários e ver o dia deles, o dia deles e meu, como operário mesmo, junto com os outros. Então, essa questão da vivência era importante nas matérias da *Realidade*. E, quando chegou essa história do preto, me atribuíram a pauta de escrever uma reportagem sobre o preconceito racial. Pra eu sentir na pele. Agora pra sentir na pele eu tinha que ter a pele preta, né? Tinha que ficar preto. Aí eu procurei um professor de dermatologia lá da USP de São Paulo, que era um cara meio maluco, um maluco cheio de idéia, tal. Aí começou a me dar injeção, a me dar comprimido, porque a pessoa é preta em função da melanina, da quantidade de melanina, de pigmento. Ele achava que injeção de melanina em mim eu ia começar a ficar preto, mas deu foi dor de barriga, e outras coisas, e eu não fiquei preto. Aí disseram que tinha um outro professor lá em Ribeirão Preto. Eu fui pra lá atrás dele também. Não deu certo. Voltei pra esse professor de São Paulo e ele falou: "Olha, agora eu vou fazer o seguinte. Vamos fazer o sistema de impregnação". Então ele fez um caldo que envolvia permanganato de potássio, soda cáustica, várias coisas. Ele fez parecendo uma larva de vulcão, não quente daquele jeito, né? E eu tinha que pôr aquilo na da banheira e ficar lá dentro da banheira durante duas horas para impregnar o meu corpo daquelas partículas. Eu saía dali, tomava um banho e saía tudo. Não deu certo também. A última tentativa foi me maqui-

Julianna entrou em contato com Gabriel, primo de Zé Hamilton, que a adicionou no MSN e no Orkut e forneceu os contatos de dona Bemba, irmã do entrevistado.

Dona Bemba foi muito simpática com a produção e admirou-se quando soube da vinda do irmão a Fortaleza. Zé ainda se recuperava de um acidente de cavalo.

de preto, que nem faz no teatro. Mas aí saí na rua e aí eu não segurei porque cê sai na rua, num boteco, uma pessoa que não te conhece e puxa uma conversa, pra ver a reação, e o cara te manja que cê tá maquiado? Fala: "Pô, qual que é a desse cara aí?" Cê vai pensar o quê? Que é alguma pegadinha, alguma fria, ou que o cara saiu do teatro agora e tá indo pra casa, sei lá o quê. Mas nunca vai levar a sério. Então eu cheguei e falei: "Ó, não consegui ficar preto. Não tem matéria".

A *Realidade* acabou fazendo essa matéria, porém nos Estados Unidos porque o Sérgio de Souza, que era da equipe lá, ele é mulato. Não chega a ser que nem a Isabelle (*estudante entrevistadora na ocasião*). Um pouco menos que a Isabelle, mas pra americano já é preto. Ainda mais que o fotógrafo era preto. Porque o critério nos Estados Unidos é assim: não sendo branco é preto e estando com preto é preto também. Então ele já meio mulato, do lado do preto, o fotógrafo era preto, era um fotógrafo americano, aí foi perfeito. Aí eles puderam fazer a reportagem. Mas lá nos Estados Unidos. Foi feita a reportagem lá. Sentiu o preconceito na pele.

Ítalo – José Hamilton, na época da revista *Realidade* alguns críticos chegavam a classificar os textos como literários devido à forma como eles eram bem trabalhados. Qual foi e qual é a influência da Literatura na construção dos seus textos?

Zé Hamilton – Olha, isso aí pra mim é muito fácil dizer, porque eu acho que a reportagem, principalmente a reportagem de profundidade, a reportagem que você tem tempo pra trabalhar, tem tempo pra escrever, pra editar, a grande reportagem é um gênero literário equivalente ao romance. Mas isso quem diz não sou eu não, é o García Márquez (*Gabriel García Márquez, jornalista e escritor colombiano, autor do clássico da literatura mundial Cem Anos de Solidão*), grande jornalista e prêmio Nobel de Literatura; quer dizer, ele conhece as duas coisas. A reportagem bem feita acaba tendo qualidade literária na medida em que ela for uma grande reportagem. Se ela também se frustrar, o sujeito não levar a coisa, porque mesmo o pessoal da *Realidade*, que produziu textos que eram considerados literários, não eram todas as reportagens que acertavam, né? Quer dizer, pegava um craque como o Mercadante (*Luiz Fernando Mercadante é jornalista político. Foi um dos editores da Revista Realidade*), acertava uma, acertava duas, na terceira caía a mão. Quer dizer, não é uma fórmula automática.

Anchieta – José Hamilton, o que é que o senhor considera uma grande reportagem, uma reportagem em profundidade? O senhor

acha que hoje são feitas no Brasil reportagens em profundidade?

Zé Hamilton – Olha, você fala assim, “uma grande reportagem”... O que muitas vezes é estigmatizado como reportagem grande. É claro que na correria do jornal, você tem que dar uma notícia; por exemplo, se caiu um avião em Fortaleza, você tem que dar as coisas do jeito que você ficou sabendo ali, que colheu na hora, porque o jornal tem hora pra sair. Então você não pode exigir qualidade literária no hard news, no Jornalismo de cobertura de notícias, no acontecimento do dia, no corre-sempre-contrá-relógio. Agora, na medida que você faz uma reportagem de profundidade, que envolve o quê? Basicamente pesquisa, vivência e testemunhos válidos, personagens válidos. Porque na reportagem, seja qual for o assunto, no fundo, o espetáculo é o homem. Não existe nada melhor que o homem. Né, as mulheres não dizem isso? José Lins do Rego (*escritor considerado um dos grandes nomes da literatura regionalista brasileira, 1901-1957*) disse: “Nada melhor que o homem”. Mas aí é no sentido de ser humano. O espetáculo do homem é o homem, sabe? Se você faz uma peça técnica, que não tenha emoção, que não tenha valor humano, ela perde, como Jornalismo, a sua essência. Pode ser um relatório de fábrica, um relatório de fim ano de uma empresa, mas uma reportagem não vai ser se não tiver emoção, se não tiver esse lado humano.

Rafaella – Mas Zé, na *Revista Realidade* você passou por várias experiências e uma das maiores, que a gente conhece, foi quando você foi convidado pra cobrir a Guerra do Vietnã. De onde você tirou coragem pra cobrir uma guerra? Como foi se lançar numa Guerra com pouco mais de trinta anos?

Zé Hamilton – Outro dia a gente tava numa rodinha lá na *Globo* e um cara me disse: “Zé Hamilton, o que fizeram lá no hospital do Vietnã – quando houve a explosão da mina – com os pedaços seus que tavam por lá?” Porque quando uma pessoa morre na explosão, eles juntam os pedaços e levam pra fazer o enterro. Eu falei: “Olha, que eu saiba eles juntaram aquelas partes tudim, tinha um pedaço de pé dentro da botina ainda, levaram aquilo e enterraram no cemitério lá perto do hospital”. Aí o cara falou: “Olha, então você é uma pessoa que a gente pode dizer, literalmente, que já está com um pé na cova”. (*risos*). Né mesmo, hã? Na verdade, a questão da coragem aí não é uma questão de coragem mais ou menos, é uma questão de vocação. Se você está vocacionado numa profissão, seja ela qual for, você está pronto pros desafios daquela profissão. Imagina um bombeiro que tenha medo de fogo. Pegou

fogo na casa. “Não, fogo não, eu tenho medo, não vai”. Então se você está vocacionado pra sua profissão, você encara aquele desafio como um desafio profissional.

Agora essa pergunta pode ser respondida assim. “O que leva um jornalista a trabalhar numa zona de risco de vida como é a guerra ou como é cobertura no Rio de Janeiro, nos morros do Rio de Janeiro, talvez até em Fortaleza, não sei? São reportagens em que você tá no meio do tiroteio, né? O que leva um jornalista a esses lugares? Primeiro, um pouco vaidade, um pouco espírito de aventura, um pouco ambição profissional, degraus da carreira, uma pitada de falta de juízo, e muito, mas muito mesmo, muito mesmo, dessa sensação às vezes um pouco romântica, um pouco idealizada, de que o Jornalismo é uma profissão de responsabilidade social. No sentido de que o jornalista tem que estar onde o fato está acontecendo, pra, estando ali, de um lado ser testemunho da História e de outro lado estar pronto pra denunciar o que ele vir de preconceito, de maldade, de crueldade, de abuso, de mau feitoria, enfim. Denunciar o que você vir ali que seja anti-humano. Ser obrigado a denunciar. É essa força, esse conjunto de coisas é o que leva um jornalista à guerra ou aos morros do Rio.

Isabelle – E Zé, no meio daquilo tudo, você não pensou, em nenhum momento, em desistir de ser jornalista? Em desistir da profissão?

Zé Hamilton – Lá no Vietnã?

Isabelle – Sim.

Zé Hamilton – Não. Lá nem dava tempo. Porque a coisa era muito movimentada, né? (*risos*) Porque um acidente como o que aconteceu comigo... É um mecanismo de defesa que a gente tem de pensar que só acontece com o outro. “Comigo não vai acontecer”. Então, quer dizer, eu tinha estatística do número de baixas no Vietnã de jornalistas que caíram, mas a minha sensação era que eu não seria um deles. E acabei sendo. Mas você trabalha com esse mecanismo de defesa porque senão também, ou você enlouquece ou você desiste.

“O jornalista tem de estar pronto pra denunciar o que ele vir... de maldade. Denunciar o que seja anti-humano.”

As reuniões da equipe de produção foram feitas durante o feriado de 12 e 15 de outubro. Enquanto isso, todos curtiam o feriado prolongado.

No Dia do Professor, a produção ocupou uma mesa na praça de alimentação do Shopping Benfica para fazer a pauta da entrevista. Um casal brigava ao lado.

Na casa do Rafael Ayala, a reunião foi regada a pão recheado e animada por um culto evangélico. O pão foi feito pela mãe dele e o culto era na rua ao lado.

A equipe de produção decidiu presentear José Hamilton Ribeiro e sua esposa, Maria Cecília. O local de compra dos presentes? O Mercado Central.

Ficou decidido entre a produção que os presentes deveriam ser produtos típicos cearenses. Artesanato dos mais variados tipos ou então comida típica.

Aliás, houve lá na cobertura do Vietnã... E eu fui fazer a cobertura numa base aérea americana. Quando eu cheguei lá tinha um repórter da revista *News Week*, americana. E como é que o repórter americano vai fazer cobertura de guerra? Não é o caso do Brasil, porque o Brasil não tem muita tradição de correspondente de guerra, mas nos Estados Unidos tem. Então correspondente de guerra é um grau na carreira. O sujeito começa como repórter de cidade, aí passa pra política, aí passa pra economia, sei lá, outras áreas mais bombantes do jornal, e se ele tem aquela ânsia de reportagem mesmo, ele acaba correspondente no estrangeiro e, se tiver uma guerra no caminho dele, é ele quem vai. Então eu chego lá e já tá lá o rapaz da *News Week*. E eu conheci, conversei com ele, e aí o oficial de informações, que é o cara de contato com os jornalistas, disse: "Ó, gente, o que tá acontecendo com esse rapaz é o seguinte: você vê que ele é um repórter brilhante, sujeito tem estudo pra ser um grande repórter, mas chegou aqui e não sai da base". Porque o mecanismo na área era o seguinte: depois da janta a gente ia tomar cerveja, alguns iam fumar maconha, a rotina era essa. À tardezinha o oficial de informações, da inteligência, chamava os jornalistas e dizia: "Ó, amanhã nós vamos fazer isso. Tem uma operação assim assado, tem outra assim assado, tem outra assim assado, tem outra assim assado. Vocês estão autorizados a ir em qualquer uma dessas três. Essa última é reservada, essa não pode ir jornalista, mas nessas três vocês podem ir. Qual que vocês querem ir?". A gente escolhia na véspera e no outro dia cedo chegava o helicóptero e ia junto com a tropa. Esse rapaz já tava lá há quase uma semana, ele escolhia à tarde a operação e no outro dia não conseguia ir, arranjava uma desculpa. Não ia. Já tava lá há uma semana e acabou voltando e desistin-

"O primeiro foi o medo de morrer lá. (...) O segundo medo foi de me tornar uma pessoa incapaz de trabalhar, uma pessoa incapacitada de ganhar a vida com o meu trabalho."

Para atrair os fregueses, os vendedores de comidas típicas (amendoins e doces em sua maioria) fazem questão de disponibilizar algumas amostras grátis.

Durante a dura batalha para escolher quais seriam os presentes, os quitutes iam saciando a fome da equipe de produção, que não dispensava nada.

do da profissão porque chegou ao limite dele. *(pausa)* E desistiu.

Anchieta – José Hamilton, e depois do acidente, o senhor pensou em algum momento em desistir da profissão, já que o senhor teve o acidente estando trabalhando, fazendo matéria, sendo jornalista?

Zé Hamilton – Olha, depois do acidente eu tive três medos. *(pausa)* Primeiro foi o medo de morrer lá. Fiquei muito assombrado com a possibilidade de morrer, morrer lá naquele fim de mundo. Ninguém aqui ficava sabendo. Eu pensei: "Vou morrer aqui e ninguém vai ficar sabendo". Aí o segundo medo foi de me tornar uma pessoa incapaz de trabalhar, uma pessoa incapacitada de ganhar a vida com o meu trabalho. E o terceiro medo, que me veio aos poucos, esses dois primeiros chegaram logo, esse outro veio aos poucos, de que a partir desse episódio eu fosse carimbado como o repórter que fez uma reportagem e depois não fez mais nada. Samba de uma nota só! Então eu ia morrer como repórter depois daquilo porque eu não ia conseguir fazer mais nada, do mesmo nível, com a mesma importância.

O primeiro medo os médicos resolveram lá mesmo. Logo depois de alguns dias eu já percebi que eu não ia morrer. O segundo medo, o medo de me tornar incapaz, eu lutei contra ele imediatamente. Lá no Vietnã mesmo eu comecei a escrever a reportagem da *Realidade* sobre o acidente. Comecei a escrever lá no hospital ainda. Fui acabar a reportagem nos Estados Unidos ainda sem perna mecânica, ainda de muletas. E estando nos Estados Unidos fiz mais duas reportagens, porque eu terminei o tratamento lá. Fiz mais duas reportagens pra revista sobre outros assuntos que não tinham nada a ver com a guerra, ainda com muletas, ainda sem a perna porque quando eu recebi a perna mecânica logo em seguida eu vim pro Brasil.

Rafaella – Zé, durante a entrevista você falou que para o jornalista fazer uma boa reportagem ele precisa vivenciar o assunto na medida mais próxima possível. A reportagem do Vietnã foi uma tentativa de você estar mais próximo da Guerra?

Zé Hamilton – *(risos)* Foi próxima demais, né? Não precisava ter sido tão próxima. É ou não é? *(risos)* Não precisava ser tão próxima. Isso é figurado. Mas ó, você falou, assim, na receita da reportagem. Morreu há pouco tempo aí o Joel Silveira *(jornalista e escritor brasileiro. Foi correspondente de Guerra e ficou conhecido pelo epíteto "A Víbora", 1918-2007)*. O *Jornal Nacional* deu matéria boa. No fim, pega um trecho de uma entrevista dele, que deve ter sido cortada porque ele não falaria só aquilo. Ele disse: "Pra fazer uma reportagem precisa paciência, persistência e

sorte". Por isso, eu pensei cá comigo: "Mas Joeel..." Ele deve ter falado mais. Não falou só isso porque com paciência, persistência e sorte o que dá é pra ganhar no bingo, pra fazer uma reportagem não. Tem que ter formação, vocação e tem que ter, em cima do assunto, trabalho e talento. Só com essas três coisas do Joel não dá não.

Carol Borralho – No livro *O Gosto da Guerra*, o senhor disse que passou a aceitar muitas coisas sem entendê-las bem. O que foi mais difícil de aceitar na Guerra?

Zé Hamilton – Olha, uma das coisas ruins de aceitar na guerra é que você está envolvido emocionalmente numa coisa falsa. A guerra não é o que a gente vê lá. Principalmente a Guerra do Vietnã. Não foi nada daquilo que a gente viu lá. A gente viu lá um povo pobre num país pobre. Um povo heróico ganhar a guerra de uma potência, a maior potência da história da humanidade. Então era uma coisa heróica, uma coisa romântica e não foi nada disso. A Guerra do Vietnã foi uma guerra dentro do contexto da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a Rússia. Não a Rússia, a União Soviética que então existia. O Vietnã era um sanduíche ali. Era os Estados Unidos contra o império soviético apoiado na China ali do lado. No Vietnã foi só o teatro. Tanto que hoje se sabe que a União Soviética injetou tanto dinheiro na Guerra do Vietnã em armas, em dinheiro, em apoio financeiro e apoio de todo o tipo pra muitos lugares, que hoje se diz que foi uma das razões de ter desabado, de ter fracassado, ter ido à falência o Sistema Soviético. Então uma das coisas que hoje eu fico grilado é isso, de você estar no meio de uma guerra e o que se tá vendo não é a verdade. Tem coisa pra traz que você não tá vendo.

George – Zé Hamilton, quando uma pessoa está dentro de um ambiente de guerra, acaba presenciando certas situações em que, muitas vezes, ela se sente incapaz de resolver. Como foi lidar com isso?

Zé Hamilton – É, todas as vezes em que lá no Vietnã eu tive a oportunidade de intervir pra evitar uma maldade, pra evitar uma crueldade, eu pude fazer e fiz. Agora, tem um episódio que eu acho uma coisa muito interessante. Talvez o maior jornalista de cobertura de guerra de todos os tempos tenha sido Peter Arnett (*jornalista norte-americano. Cobriu a Guerra do Vietnã pela a agência Associated Press. Pela cobertura, ganhou, em 1966, o Prêmio Pulitzer, maior premiação para o Jornalismo Internacional*). Ele trabalhava na imprensa americana, de onde foi banido porque ele fez uma reportagem considerada mentirosa contra o exército dos Estados Unidos.

Ele conta no livro dele uma história que é a seguinte: vocês todos devem se lembrar

de uma imagem da Guerra do Vietnã que é um monge sentado, chega outro monge, joga gasolina em cima dele, acende o fósforo e ele pega fogo. Vocês lembram dessa imagem? Alguém lembra? Você não lembra? Essa imagem chocou o mundo. E claro, pra ter sido filmado é porque teve alguém, teve um RP (*Relações Públicas*), um assessor de imprensa do lado do mosteiro, do pagode lá. Lá chama pagode o lugar dos monges. O pagode decidiu fazer isso. O monge tal disse que faria. "Tá bom então vamos fazer na esquina tal. Avisa a imprensa". Então a imprensa toda foi avisada. Se não, não teria filmado. O Peter Arnett conta que ele era um dos jornalistas presentes ali na hora. Quando ele viu o monge sentado e um outro monge pegar a lata de gasolina pra jogar em cima do outro, ele poderia, se ele quisesse, dar um tapa no braço do camarada e derramar aquela gasolina no chão e nunca ia morrer monge nenhum. Ele não fez isso. Então Peter Arnett diz: "Eu tava lá como jornalista, eu não tava lá para interferir na História". Mas eu teria feito. Eu teria feito. Se eu fosse chamado pra assistir a um espetáculo desse e pudesse evitá-lo, eu evitaria. É uma falha minha? Pode ser. Mas o Peter Arnett disse que ele poderia ter evitado, mas como não... "Eu tô aqui pra filmar o homem queimando. Vou filmar o homem queimando".

Anchieta – Seu José Hamilton, o senhor falou que no Jornalismo de Guerra o que se vê não é a verdade, seria um recorte. Mas no Jornalismo a gente sempre trabalha com recortes. Então a minha pergunta é: como se fazer um recorte e mostrar, ao mesmo tempo, a verdade?

Zé Hamilton – É um bom desafio, um desafio permanente. Eu falo que, no caso da guerra, não é que sempre você esteja fazendo uma coisa falsa. Eu sinto que a cobertura no Vietnã que eu fiz e que a maioria da imprensa fez foi manipulada pela propaganda, sabe? De um povo pobrezinho, coitadinho, lutando contra os poderosos. Mas não é sempre. Às vezes, um camarada tá cobrindo uma guerra

"Eu sinto que a cobertura no Vietnã que eu fiz e que a maioria da imprensa fez foi manipulada pela propaganda, sabe?"

No dia da entrevista, pela manhã, Zé faz um *tour* por Fortaleza. Ele se encanta com o mar, mas é na Praça dos Mártires onde resolve parar. Gostou do Baobá.

A peixada na Praia de Iracema e o sol animam Zé Hamilton, que resolve voltar ao hotel. Trinta minutos de espera bastam pra prever o atraso da programação.

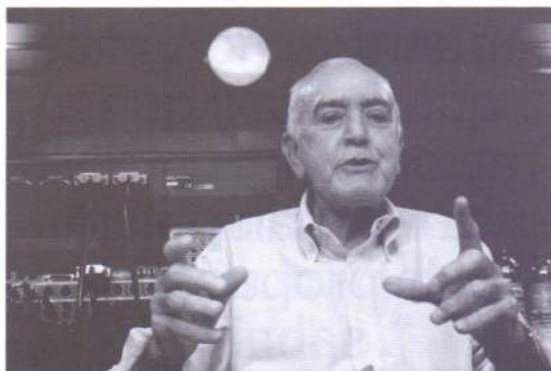
O pequeno atraso é superado pelo charme e perfume que Zé Hamilton traz consigo ao se apresentar na recepção do hotel. "Vamos lá?". E seguimos pra faculdade.

Enquanto isso, na faculdade, parte da equipe de produção estava em pânico com os preparativos para a chegada do homem. Tinha de estar tudo perfeito.

A entrevista deveria acontecer no Laboratório de Rádio da faculdade. Por causa de um mal entendido, uma outra sala foi preparada.

e tá vendo o lado certo. Uma questão boa é seguinte: quando o jornalista tá fazendo uma cobertura de guerra se ele é imparcial. Olha se ele é imparcial, é difícil, é impossível. Porque se o jornalista está cobrindo uma guerra de que seu país faz parte, uma guerra do seu país, a tendência dele, a menos que ele seja, sei lá, um canalha, a tendência dele é torcer pro seu país mesmo. Torcer. Ele tá cobrindo a guerra, mas ele quer que seu país vença ou ele será um mau patriota. Ou mais, o jornalista, cobrindo a guerra do seu país, ele trabalha numa linha de equilíbrio que não é muito fácil porque a informação que ele der pode ser tomada pelo inimigo como uma informação passada pro inimigo. Então se ele passa um segredo limitado do seu país para um jornal, de tal forma que o inimigo leia e tome providência e ganha benefício disso, ele vacila num terreno de ser jornalista e de ser espião do outro lado. Foi o que aconteceu com o Peter Arnett. Nos Estados Unidos, ele fez uma reportagem acusando o exército americano de ter usado um determinado gás lá no Vietnã, o que foi contestado, desmentido e ele depois se retratou e disse que, de fato, não tinha muito segurança daquilo. Mas ele foi banido.

Se você trabalha numa guerra que é do seu país, você trabalha nessa linha, nesse equilíbrio entre o que você pode escrever como jornalista, para parecer que é uma reportagem, do que parecer que é uma informação passada pro inimigo. Quando a guerra não é sua, você tá numa guerra num país que não é o seu, como foi o caso do Vietnã, aí ocorre outro fenômeno. O jornalista, pelo perfil psicológico da profissão, a tendência dele é ficar do lado do mais fraco. Então no caso do Vietnã, a mídia toda cobriu a favor do vietcongue contra os americanos porque era o lado mais fraco, entre aspas. Os coitadinhos, os heróicos, os vietcongues lá lutando contra os poderosos americanos. A tendência, de qualquer maneira, do jornalista é ficar do lado do mais fraco. Porque o jornalista que fica do lado do mais forte, seja do ponto de vista econômico, político, corporativo, seja em que sentido for, ele perde um pouco do perfil psicológico da pro-



Como faltava pouco tempo para a chegada do entrevistado, a tensão aumentava. O laboratório estava trancado. Os nervos da produção à flor da pele.

Conseguiram a chave do laboratório. Com o fim de um tormento, um outro brota: num molho gigante de chaves, a produção e os amigos não encontravam a correta.

fissão e deixa de ser um jornalista pra ser um puxa-saco. Ou não? (risos).

Carol Borralho – O senhor falou desse caso do Peter e eu me lembrei do fotógrafo que tirou sua foto quando o senhor foi atingido pela mina. Na hora, o senhor disse que sentiu raiva. Hoje, como o senhor avalia a atitude dele?

Zé Hamilton – (pensativo) Olha, se eu disse que eu senti raiva em algum lugar eu devo ter me expressado mal. Eu me espantei. Quando eu vi o Shimamoto (*Keisaburo Shimamoto, fotógrafo japonês contratado pela Revista Realidade durante a cobertura da Guerra do Vietnã*) me fotografando, eu levei um susto. “Puxa, ele tá me fotografando em vez de vir aqui me socorrer, passar a mão no meu cabelo?!” Eu tive essa reação assim. Mas aconteceu que até esse episódio nos uniu muito mais porque ele se sentiu culpado por ter pedido pra eu ficar um dia a mais no *front* e nesse dia a mais é que houve o acidente. Ele se sentiu culpado e não saiu do hospital. Ficava no hospital o tempo todo e saía só pra beber. Enchia a cara e voltava. Nós nos aproximamos muito. Tanto que um tempo depois quando eu passei a redator-chefe da revista *Realidade* a gente tinha vaga de fotógrafo e eu o convidei pra vir pro Brasil. Ele aceitou. Viria, mas tinha que terminar um trabalho lá que já tava fazendo para uma revista japonesa e nesse trabalho estava num helicóptero do comando sul-vietnamita que foi explodido no ar e ele morreu.

Julianna – Zé Hamilton, se não me engano, você escreveu mais de 800 reportagens. Entre tantas reportagens, existe alguma que mais te toque e você possa falar aqui pra gente?

Ítalo – Só complementando a pergunta, nessas reportagens o senhor deve ter conhecido e conversado com muitas pessoas com o objetivo de humanizar a reportagem. Existe uma pessoa que ainda ocupe um lugar especial na sua memória, de todas as que você conheceu?

Zé Hamilton – Muitos personagens que eu conheci em reportagem eu cultivei amizade durante algum tempo. Alguns até durante muito tempo, até agora. Me lembro de vários. Quanto à reportagem que mais me impressiona, é a que eu vou fazer ainda. Por que eu acho que o repórter no dia que ele achar que já fez a melhor reportagem da vida dele aí ele tem que parar. Já fez a melhor... Eu espero que eu ainda possa fazer uma melhor do que as que eu fiz.

Isabelle – Ainda hoje, no *Globo Rural*, você realiza grandes reportagens. Essas reportagens, pelo menos a maioria, explicitam essa sua relação com o campo. Isso é de certa forma uma herança do passado lá em Santa Rosa de Viterbo?

Zé Hamilton – Bem, eu tenho um pouco de empatia com esse setor por causa da minha formação numa vilazinha rural. Meu pai tinha uma fazenda que a gente ia, andava a cavalo, plantava milho, ia ajudar a plantar milho. Mas não é a razão principal. Eu digo sempre que o homem... Não sou eu que digo, é o poeta lá importante: "O homem é o homem e sua circunstância". Eu entrei pra *Globo* pra ir pro *Globo Repórter* num momento em que o *Globo Repórter* não tinha um lugar fixo na grade da *Globo*. Ele mudava de dia conforme a *Globo* comprasse determinado seriado. Em uma certa época que estava no *Globo Repórter*, a *Globo* comprou um determinado seriado que ia ocupar o horário do *Globo Repórter* durante três meses. Nesse período, o pessoal que trabalhava no *Globo Repórter* foi orientado pra ir pra outros programas, provisoriamente. Como eu trabalhava em São Paulo, lá só tinha duas chances, que eram o *Fantástico* e o *Globo Rural*. O *Fantástico* tinha uma sucursal grande em São Paulo e o *Globo Rural* é feito em São Paulo. Eu primeiro fui pro *Fantástico*, mas não me dei bem. O *Fantástico* não tava numa boa fase e eu não me dei bem lá. Acabei indo pro *Globo Rural*. Depois quando voltou o *Globo Repórter*, eu tinha que mudar pro Rio de Janeiro porque tinha fechado a sucursal em São Paulo. E aí, também por questão de família com crianças estudando, eu resolvi ficar no *Globo Rural*. E na conta lá vão quase 28 anos. Tem 27 anos.

Rafael Ayala – Zé Hamilton, o senhor era jornalista do impresso e trabalhou na rádio. Como foi essa passagem pra TV?

Zé Hamilton – Boa pergunta. Eu acho que, do ponto de vista da forma, cada veículo tem a sua manha, tem os seus macetes, tem a sua técnica e você tem que ver o que você alcança com muita facilidade. Eu vejo gente que nunca fez televisão e de repente passa uma semana na redação e já pegou toda a manha da técnica da reportagem de televisão. Normalmente, quem faz televisão e vai pra jornal ele imediatamente domina a técnica. Então do ponto de vista da técnica, varia conforme o veículo. Do ponto de vista do conteúdo, não, é o mesmo. Uma pessoa que é um bom repórter de jornal pode ser um bom repórter de televisão e vice-versa. E também de rádio. Só que de rádio talvez precise ter mais capacidade de falar, mais facilidade para falar. No caso do rádio ao vivo, o cara precisa ter uma habilidade a mais que é essa de falar ao vivo. Porque tem pessoas que têm grande facilidade e outras pessoas não têm nenhuma. Mas a técnica varia e o conteúdo é o mesmo. Você está trabalhando com informação. O Jornalismo, a função dele é contar uma história. É olhar uma história,

ver uma situação e contar. Contar direito. Ver direito. Tem que ver direito, observar bem e se cobrir das nuances daquela coisa e contar direito. É isso que você tem que fazer como jornalista. Você faz na televisão, no jornal, na revista, no rádio e na internet.

Ítalo – O senhor tem alguma preferência dentre esses veículos?

Zé Hamilton – A minha preferência é assim, vamos dizer, é um pouco tática. O dinheirinho (*risos*). A televisão paga mais do que o veículo impresso hoje em dia. No tempo da Realidade a gente ganhava mais do que o pessoal de televisão, mas hoje em dia o mercado de televisão compensa melhor – eu acho.

Anchieta – O senhor é conhecido por fazer grandes reportagens em profundidade. O senhor acredita que na televisão, no programa que o senhor faz hoje, o *Globo Rural*, existe essa possibilidade de se aprofundar dentro da TV?

Zé Hamilton – Não, a TV tem um certo carma porque dizem que a profundidade da TV é a profundidade de um pires. Uma formiguinha anda ali e nem molha a barriga. Mas é uma injustiça porque há TV's e TV's. Há programas e programas. É claro que você não vai querer profundidade num telejornal diário, que tem que dar um cardápio de coisas, um número de notícias das mais variadas, no caso de todo o país e até do exterior num espaço curto. A televisão tem esse limite do tempo. Os programas têm duração e a hora tem sessenta minutos. Não adianta você querer puxar pra ficar com sessenta e dois. Não fica. Agora, tem programas que permitem profundidade. No caso do *Globo Rural*, é um programa que permite. Permite bastante. Sem fazer críticas pros outros, mas é que o *Globo Rural* como é um programa matutino, ele é um programa campeão de horário (o programa é exibido de segunda a sexta-feira, das 6h15min às 8h30min e aos domingos das horas à 9 da manhã). Quer dizer não tem ninguém ameaçando naquele horário o programa. É um programa que trabalha sem preocupação de lbope (*Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística*). O lbope do *Globo Rural* numa cidade como São Paulo, que não tem nada a ver com coisa rural, é maior do que o lbope de todos os



Depois de várias tentativas frustradas, o desespero tomou conta da Julianna. Enquanto as pessoas conversavam, ela gritava: "presta atenção na poooooooooorta!"

A entrevista com José Hamilton Ribeiro estava marcada para acontecer às 15h. Atrasou meia hora, o que aumentou a expectativa dos entrevistadores.

A demora do entrevistado causava cada vez mais ansiedade. Todos os alunos estavam bastante nervosos. Até que ouviram: "É ele! O homem chegou!".

Bem antes de a entrevista começar, já havia gente "de tocaia", só esperando a chegada do entrevistado para pedir um autógrafo e tirar fotos. Fã é fã.

A entrevista aconteceu no Laboratório de Rádio do Curso de Comunicação Social da UFC. Estiveram espremidos na pequena sala nada menos que 16 alunos.

Antes de a entrevista começar, José Hamilton pediu para a fotógrafa da revista uma foto “da moçada toda”.

telejornais brasileiros, fora os da *Globo*. Então, mesmo que fosse um telejornal comum, seria um bom telejornal. É ou não é? Só abaixo do *Jornal Nacional*, do *Jornal da Globo*, do *Jornal Hoje*, do *Fantástico*.

As outras emissoras não dão o lbope que o Globo Rural dá. Então ele é um grande programa de televisão. Pelo fato de ser de manhã e não ter a pressão do lbope, ele trabalha num ritmo mais de acordo com a natureza. Com o ritmo do agricultor. Tem a época da chuva, tem a época da seca, tem o tempo de plantar, tem o tempo de adubar, tem o tempo de fazer o trato. Depois tem o tempo de colher, tem o tempo de fazer a festa, o tempo de ir na igreja. É um mundo que tem um ritmo diferente do ritmo da cidade e o programa, de certa maneira, não chega nem a um exagero, mas é um programa que tem um ritmo mais de acordo com o ritmo da conversa de duas pessoas conversando. Enquanto no *Jornal Nacional*, ou em outro telejornal da noite, às vezes a notícia passa tão rápida que uma distração que você vai olhar uma criança, você já não sabe mais que assunto tava falando. É tão rápida a coisa, tão cheia de pressão. No *Globo Rural*, não é todo programa e não é toda vez, mas é comum a possibilidade de você fazer uma reportagem em profundidade.

Ítalo – Zé Hamilton foi na *Rádio Bandeirantes* que o senhor teve o primeiro contato com a música caipira?

Zé Hamilton - Ah, é.

Ítalo - Foi daí que surgiu essa paixão pela moda de viola?

Zé Hamilton – Não. A música caipira está na minha cabeça desde a infância porque eu sou de uma cidadezinha do interior de São Paulo, já quase com Minas (*Zé Hamilton é natural de Santa Rosa de Viterbo, cidade localizada a 310 km de São Paulo*). A música caipira ocupa o meu inconsciente desde pequeno. E desde pequeno também eu fiquei grilado com a história de que na música caipira – depois eu vinha saber que nas outras categorias musicais é até pior – tem coisa boa

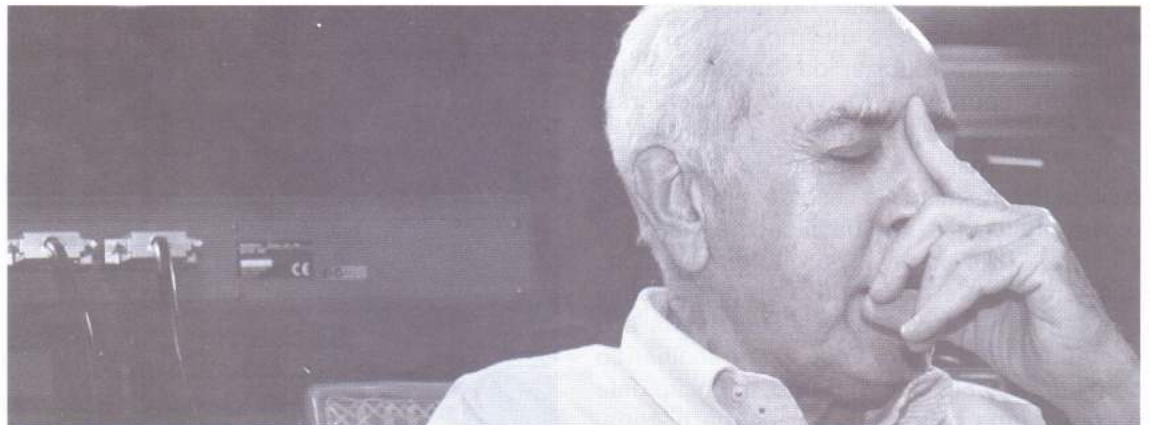
e tem coisa ruim. Sendo que coisa ruim na música caipira às vezes é muito ruim porque o compositor é uma pessoa iletrada, às vezes analfabeta. Às vezes gostava de escrever e tal e às vezes até analfabeto completamente. Então, ainda que seja poeta, mas o cara não domina a língua, quando ele não domina a semântica afinal de contas, quando ele erra na mão ele erra muito. O erro fica muito visível. Até tem uma jornalista lá que diz: “Cabeça de compositor de música caipira é que nem bunda de galinha, você não sabe se vai sair um ovo, que é uma obra-prima, ou se vai sair titica”. Então eu sempre fiquei pensando que alguém um dia tinha que escrever um livro sobre a música caipira pra separar os ovos, porque alguns são de ouro, da titica. E esse foi o meu intuito ao fazer o livro (*Música Caipira: as 270 maiores modas de viola de todos os tempos; 2006*), que é uma proposta, é um desafio pro leitor, mas é também uma coisa que me gratificou. A própria pesquisa.

Isabelle – Zé, eu já li numa entrevista sua onde você diz que o cenário da música caipira acabou. Tem aquela idéia de que o tratorista tem o carro do ano, mora na cidade; o aboiador tem a moto. Essa não é uma visão um pouco fatalista da coisa? A de que esse cenário já não existe mais?

Zé Hamilton – É porque é o seguinte: a música caipira ocorre dos anos 20 aos anos 70, 80. Ela ainda existe, mas está cada vez mais residual. Como força cultural no ambiente dela. E a razão principal é que dos anos 20 até 60, 70, a população brasileira morava no campo. Oitenta por cento da população brasileira vivia no campo. Só vinte por cento na cidade. E hoje é o inverso. Mais de oitenta por cento da população vive na cidade. Só o residual é que fica no campo. Então a música caipira perdeu o seu cenário, perdeu a sua temática. Que nem um amigo meu que me ajudou a fazer o livro, ele diz assim: “Zé Hamilton, como é que a gente vai fazer música caipira se não tem mais ranchinho beira-chão, não tem mais festa na roça, não tem mais cabocla bonita, no rio não tem mais peixe, tá poluído, não tem

Surpreso com a beleza dos estudantes de Jornalismo que iriam entrevistá-lo, Zé Hamilton perguntou se no Ceará não tinha mais nenhum cabeça chata.

Antes da entrevista, quando o Rafael Ayala disse que era corinthiano, o repórter palmeirense brincou dizendo que o Corinthians ia jogar próximo ano com o Ceará.



mais caça, não tem mais carro de boi, não tem mais boi de carro, não tem mais carreiro. Vai fazer música caipira com o quê?"

Isabelle – Zé Hamilton, esse mundo do campo que você fala envolveu muito a sua infância. Você disse anteriormente que o seu pai tinha uma fazenda. A gente também soube, durante as pré-entrevistas, que ele vendia uma parte da fazenda para investir na educação dos filhos. Qual a contribuição mais significativa dos seus pais para a sua educação e a dos seus sete irmãos?

Zé Hamilton – Aí é a pertinácia. A pertinácia de toda mãe eu acho. De todo pai que faz, se desdobra pra que o filho tenha uma condição melhor do que ele tinha. Eu acho que é uma coisa natural que aconteceu na minha família como deve acontecer na família de todos vocês. Não houve nada de excepcional nesse sentido.

Julianna – Zé Hamilton, eu tenho uma curiosidade. Como surgiu o apelido Zé Gato?

Zé Hamilton – (risos)

Isabelle – Por que foi nessa época lá de Santa Rosa que surgiu o apelido. Ou eu estou enganada?

Zé Hamilton – É. Zé Gato é um apelido de infância. Do tempo de primeira infância. Acho que eu nem tava na escola ainda. E tem três versões. Tem uma bem maldosa (risos) e tem duas carinhosas. A maldosa é que apareceu um circo na cidade que tinha leão e a molecada então começou a pegar gato pra vender pro circo pra entrar de graça. Eu que teria conseguido o maior número de gatos, né? (risos). Agora, é uma hipótese bem improvável porque o meu pai tinha fazenda, mas ele trabalhava na prefeitura e ele que dava licença pro circo. Então a gente tinha camarote de graça. Todo circo que ia a Santa Rosa a gente ia lá de graça porque o meu pai que dava a licença, que autorizava. Às vezes, o circo se montava ao lado da minha casa, que tinha um terreno grande e aí o pessoal do circo ia pedir água, ia pedir uma coisa, fazer uma extensão de água e a gente ficava amigo do pessoal do circo. Bom, enfim tem essa hipótese. A segunda hipótese: eu tinha uma tia velha. Naquele tempo, as casas do interior tinham quintais grandes com fruta. E quando tinha fruta madura, a tia falava: "Vai chamar o gato lá da família pra apanhar as frutas lá em cima". Porque eu subia na árvore. E a terceira versão, que eu gosto mais, é que eu, quando era pequeno, tinha olhos claros. Alguém disse que eu tinha olhos de gato. (a turma faz "huuuuum").

Rafael Ayala – E da infância do senhor, qual é a recordação mais marcante?

Zé Hamilton – Foi uma vez que caiu um avião lá. Imagina, foi nos anos 40. Eu sou de

35. Aí eu já tava na escola. Devia ter uns 8, 9 anos. Eu tinha tido um problema nessa perna. Nessa mesma perna esquerda (*Zé aponta para a perna que sofreu o acidente no Vietnã*). Eu tive um problema de osteomielite (*inflamação óssea, usualmente causada por infecção, bacteriana ou fúngica*), que é uma tuberculose que dá nosso. Uma infecção horrorosa. Na época, aquilo matava as pessoas. O que salvou muitas pessoas foi a penicilina, que estava recém-chegando no Brasil. Eu fui salvo pela penicilina, mas era uma novidade. Era um tratamento quase experimental.

Isabelle – E por acaso foi uma queda de cavalo?

Zé Hamilton – Não, foi doença mesmo. Infecção, né? E eu tava andando de muleta. Como eu estou hoje, andando de muleta. E caiu um avião. Imagina nos anos 40! Pra eu ter 9 anos, seria 44, 43 (*o ano da queda do avião*). Aquele avião era uma coisa raríssima. Você não via avião. Na minha cidade, não passava avião, não era rota de avião, não tinha campo de aviação. Nem tinha visto avião. De repente, tá passando um avião e caiu lá. Caiu no mato lá perto da cidade. A molecada toda foi em cima pra ver e eu fui também de muleta. Indo no mato, no brejo de muleta e vai e vai... Eu cheguei no avião. Cheguei no avião, nos destroços lá. Conversei com o piloto. Aí voltei. Quando cheguei em casa, tava todo mundo me esperando. Todo mundo esperando pra eu contar. Mas foi uma reportagem, ó! (risos)

Todos – A primeira reportagem?

Zé Hamilton – Conteí detalhes, tudo. Como foi, como não foi. Como é que era o avião, como é que não era. Como é que ele ia sair de lá.

Rafaella – Essa aí foi uma história verdadeira...

Zé Hamilton – Verdadeira.

Rafaella – Mas a gente sabe que o senhor costumava contar história. E tem outras histórias que às vezes nem parece ser muito verdadeiras. Tem alguma história que pareça ser uma lenda, que foi o senhor mesmo que tenha inventado, com seus amigos, com a molecada lá em Viterbo?

Zé Hamilton – É, a caçada do tirisco, né?

Rafaella – E seria só essa mesmo?

Zé Hamilton – É, essa que eu me lembro bem.

Julianna – Como é que é essa história?

Zé Hamilton – Bom, é uma cidade pequena, né? Mas toda cidade pequena tem esse fenômeno que a juventude sai e vai pra cidade maior. Então quando chega nas férias tá cheio de gente que volta. Estão estudando fora e voltam. É parente que vem passar férias lá. Então a turma da cidade, turminha mais

No meio da conversa, José Hamilton Ribeiro derubou um copo d'água nos alunos que estavam sentados no chão. Não pensem que foi um banho de água fria na entrevista.

Logo após a entrevista, o repórter cedeu uma noite de autógrafos. Uma sexta-feira atípica no Curso de Comunicação da UFC. Encantou a todos.

O grau de intimidade dos estudantes com o entrevistado já era grande. Ninguém chamava mais de José Hamilton Ribeiro. Era apenas "Zé" ou "Zé Hamilton".

Aliás, entre os corretores do curso todos se amontoavam só para ficar mais perto do "Repórter do Século". Ninguém queria perder essa oportunidade única.

sapeca, arranjou um jeito de fazer brincadeira com pessoal de fora. Chegava primo dum amigo nosso lá na cidade... O cara é de fora... E a gente falava pro primo dele: "Ó, entrega ele pra nós pra gente fazer uma brincadeira com ele". E a brincadeira era: a gente inventou que tinha um bicho lá chamado tirisco. No cerrado. Lá é região do cerrado. E aí era um complô porque entrava a mãe do primo, sabe? Minha mãe, minha irmã, todo mundo entrava. Pra quem ele perguntasse, confirmava na cidade. Era um complô interessante... E a base do complô era o dono do bar, que era um bar e restaurante. Então a gente ia lá tomar cerveja com a vítima e contava a história da caçada. O cara às vezes era de São Paulo: "Não, mas nunca cacei nada, tenho medo de mato, pisar em cobra". "Não, não tem problema". O cara não queria ir. Ficava aquela pressão pra ele ir, né? E o auge da pressão é o seguinte: quando ele tava balançando, a gente chamava o dono do restaurante. "Ó, Zé Maria, vem cá. Você tem tirisco aí?" "Não, não tenho mais nenhum. Tinha aí no refrigerador, mas não tem". "Se a gente pegar um você faz ele pra nós amanhã?". "Ah, faço". "Mas faz assado daquele jeito?". "Ah, perfeitamente. Aliás, tá na hora de caçar tirisco porque eu já tô escutando ele piar..." (risos). O cara acabava cedendo, a pressão era tão grande. Aí a gente ia.

A caçada consistia no seguinte: ele (*o visitante*) pegava um saco amarrado com arame, pra ele (*o saco*) ficar com a boca aberta. Uma caixa de pau, de sapato, pra bater e uma vela. Você chegava lá e convencia o cara pra ele ficar segurando o saco com a boca aberta, bater na caixa e com a vela ali não deixando apagar. E a gente ia tocar os tirisco da redondeza. E os tirisco vendo a batida da caixa e a luz da vela entrava no saco. E ele ficava ali, os bichos iam só entrando. E era só amarrar no fim, né? Então a gente deixava ele ali batendo. A gente saía, voltava todo mundo pro bar – a

"A gente inventou que tinha um bicho lá chamado tirisco no cerrado. Pra quem ele perguntasse, confirmava na cidade. Era um complô interessante..."

"A vinda de José Hamilton para a UFC não é um marco para o curso, nem para o Ceará. É um marco para a História do Jornalismo Cearense" (Ronaldo Salgado).

Depois da entrevista com Zé Hamilton, de ler o livro sobre Música Caipira emprestado pelo Ronaldo, Rafael virou um apreciador da moda de viola.

gente tinha levado ele três quilômetros lá pro cerrado –, e ficava esperando o coitado chegar. E ele chegava brabo... Querendo matar todo mundo. Daí a pouco tava bebendo, virava brincadeira mesmo.

George – E o senhor lembra quem foi a primeira vítima?

Zé Hamilton – A primeira eu não lembro, mas uma das últimas eu lembro. É um rapaz que é hoje jornalista no Rio de Janeiro. Chama-se Franco Paulino (*jornalista e crítico de música. Além de colunista do Última Hora e do Diário da Noite, foi membro do júri dos festivais da Excelsior e da Record*). Imagine, ele era um jornalista da Última Hora. Jornalista importante... E foi lá. Eu que levei ele. E o lugar que a gente levava o pessoal passava a linha do trem. A gente pulava a linha do trem pra ir nesse lugar pra dar mais canseira pro cara. No dia que foi o Franco Paulino, tinha acontecido uns dias antes, e eu não sabia, um roubo de dormentes da estrada de ferro; aquela madeira. Tinham roubado vários dormentes. Então a estrada de ferro tinha posto um vigia de noite, de madrugada, armado. E era um cara com fama de pistoleiro. Pra mandar bala em que tivesse de noite na linha. Tava o vigia lá que a gente conhecia também, né? E a gente deixa o Franco Paulino lá. E ele, quando percebeu que tinha caído na brincadeira, quando chegou na linha se desorientou em relação à cidade. "Ah, vou caminhando pela linha que eu chego na estação". E dá de frente com esse homem... Quase que o homem mata ele... O cara chegou nele, encostou o revólver: "Tá roubando (risos) o dormente?". "Que dormente? Que roubando? Acha que eu vou roubar dormente? Eu tô lá com algum dormente?". (risos)

Anchieta – E Zé Hamilton, o senhor na matéria "Eu estive na Guerra" conta que, quando criança, brincando com os amigos, disseram que o senhor morreria aos 32 anos. Que história foi essa?

Zé Hamilton – Eu me lembro que por algum tempo eu carreguei essa idéia de que ia morrer com 32 anos... Mas depois... Os médicos lá não deixaram eu morrer. Os médicos americanos...

Isabelle – Olha, quando eu lhe perguntei naquela hora se tinha sido queda de cavalo aquele problema na perna foi porque, conversando com Dona Bemba (*irmã de Zé Hamilton*), ela disse que uma vez você quando era jovem foi montar a cavalo e sofreu um acidente, machucou a perna e foi obrigado a um mês de repouso forçado. Nesse período, foi pra uma livraria de uma tia e lá leu todos os livros. Você se lembra desse episódio?

Zé Hamilton – Sim... eu me lembro dessa queda de cavalo...

Isabelle – Essa paixão pela leitura vem desde a infância?

Zé Hamilton – Vem. Imagina, a cidade tinha na época 2 mil habitantes. De 2 mil a 3 mil. Uma vila... Vilazinha rural. E a minha tia era a dona da livraria; da única livraria na cidade. Livraria e papelaria. Então ela recebia revistas, que era uma coisa estranha no nosso mundo lá. Fazer o quê com uma revista? “Ooolha, uma revista”, era uma coisa estranha pra gente lá. Imagine... há 60 anos atrás ou mais! Ela que me deu os primeiros livros de história infantil pra ler. Depois deu Monteiro Lobato (*um dos maiores escritores brasileiros de literatura infantil, natural de Taubaté, (SP) – 1882-1948*) sabe, ela foi dosando a carga de leitura. E ela era uma mulher que usava um óculos de grau, né? Ela lia sem parar. Ela tava na livraria e chegava um cliente, ela atendia e continuava lendo o livro. E, quando ela ia da casa dela pra minha casa – ela morava na casa da minha avó e ia muito à minha casa –, ia lendo um livro. Atravessava a rua lendo um livro e lá vinha carro, porque naquele tempo tinha pouco carro, né? Passava carro ela não tava nem ligando. Tava lendo um livro andando... Então ela lia muito, gostava muito mesmo, valorizava muito e me incentivou.

Isabelle – Qual o nome dela, Zé?

Zé Hamilton – Chamava Tia Nenê. Margarida Ribeiro.

Ítalo – Seu Zé Hamilton, na infância o senhor chegou a escrever alguns textos pra teatro, inclusive chegou a atuar. Como é que surgiu essa paixão pelo teatro?

Zé Hamilton – É o tal negócio: cidade pequena, né? Quando chega nas férias junta a moçada e a moçada quer mais é badalar, é animar... E é bailinho, é festinha... E várias vezes pintou esse negócio de teatro. Vamos fazer uma peça de teatro e tal. E uma vez que eu me lembro bem, tinha uma peça, Salomé, de Oscar Wilde (*1854-1900; dramaturgo, escritor e poeta irlandês. É autor do clássico O Retrato de Dorian Gray*). E Salomé é a história da Herodiade, da mulher do Herodes, que pede a cabeça de João Batista. A história é esta: a mulher fica se fazendo de difícil lá pro homem, né? E “Ah não, só se você me der. Eu quero a cabeça do João Batista”. Porque ela era apaixonada pelo João Batista, mas ele não queria nada. Então a mulher falou: “Não quer? Não me quer? Então eu quero a cabeça dele”. A peça muito bonita, né? E eu fiz o papel do Rei Herodes. Eu fui Herodes. A Herodiade era então a minha mulher. Era a rainha. Imagine numa cidadezinha pequenininha do interior... E tinha a cena de um banquete, mas um banquete pro Rei Herodes, né? E aí o problema: onde é que vamos arranjar frutas pra esse banquete? Alguém tinha em casa essas frutas



tudo de cera. Uva, pêra, maçã, não sei o quê... Todas essas frutas de cera. E ficou bem de frente de mim uma uva. Um cacho de uva bonito. Eu tava de bronca com a rainha (*risos*), aí no meio da peça eu pegava e “Coma uma uva. Coma uma uva, coma uma uva” (*risos*). E a mulher tirava a boca da uva... Mas a peça era uma peça bem...

Julianna – Quando a gente conversou com a dona Bemba, ela nos contou que o senhor era uma pessoa muito arteira quando jovem. Dona Anete, sua prima, contou que, quando o senhor era pequeno, costumava roubar as galinhas da Tia Inácia e vender pra ela depois. Como era essa história? Verdade?

Zé Hamilton – (*risos*) Olha, isso eu já ouvi, mas eu não me lembro. Essa história tem alguma coisa assim meio especiosa que eu não lembro. Eu não me lembro...

Anchieta – Uma outra história do seu tempo de menino seria que o senhor estudou num colégio de padres. Seminário. O senhor tinha vontade de ser padre?

Zé Hamilton – Olha, eu fui levado pro seminário – pro seminário de padre né? Só formava padre – mas pelo entusiasmo dessa minha tia (*Nenê*), que era muito ligada à igreja. Ela tocava piano na igreja. Muito ligada na igreja, queria ter um sobrinho padre. E fez minha cabeça e eu acabei indo. Mas fiquei pouco tempo lá. Acho que fiquei um mês.

Aline – E hoje o senhor se considera uma pessoa religiosa?

Zé Hamilton – Não... Não.

Ítalo – Não tem nenhuma crença?

Zé Hamilton – Não, no momento não... No momento não.

Isabelle – Zé, veio o Jornalismo e depois o Direito. Por que essa graduação? Tem algum motivo especial?

Zé Hamilton – Primeiro porque minha mãe gostaria que eu fizesse o curso de Direito. Ela não acreditava muito nesse negócio de Jornalismo. Mas outra coisa também é que eu acho que o curso de Direito é um curso de lógica. Sobre lógica, de pensamento. Formas de pensar. Direito é sobre lógica. E eu acho que é uma boa ferramenta pro jornalista. Como seria a Filosofia também. Mas eu não tive peito pra fazer Filosofia. Eu fiz Direito,

“Chora viola e sanfona. Chora triste o violão. Se o que é madeira chora, que dirá meu coração”, eram os versos que Rafael repetia durante o trabalho de produção.

Quando Julianna disse que ia pedir para Zé autografar os livros do Ronaldo, o professor disse: “Não vá se preocupar com isso. Ele já autografou meu coração”.

A chefe de Departamento do Curso de Comunicação e professora, Márcia Vidal, ficou emocionada quando, após a entrevista, encontrou Zé Hamilton.

Márcia disse ao repórter que escolheu ser jornalista após ter lido uma matéria dele em Realidade. Com a declaração, Zé soltou um dos seus modestos sorrisos.

No sábado, a programação era uma volta pela praia e uma degustação de caranguejo. Uma primorosa coincidência acabaria por modificar os planos.

que tem uma cadeira que chama Filosofia do Direito, que é tudo forma de raciocinar, se você vir o Código Civil, uma Constituição... É um exercício de lógica.

Aline – Zé Hamilton, a Isabelle perguntou sobre a Faculdade de Direito... Quando foi que você percebeu que sua grande paixão era o Jornalismo?

Zé Hamilton – Olha, eu acho que o que definiu a minha carreira mesmo foi no momento que eu entro pra *Folha de São Paulo*, com 20 anos, no segundo ano da escola de Jornalismo. A *Folha* naquele momento pujante do Jornalismo, com reportagem, com duplas de repórteres importantíssimas. Logo depois da *Folha* eu fui pra editora *Abril*, a *Abril* nascendo. De certa maneira eu cresci junto. E depois, vamos dizer assim, a gente fica na profissão na medida que você tenha convite pra trabalhar. Chegar um momento que você não tem convite pra trabalhar, perde o emprego e não arranja outro, aí você acaba mudando de profissão. Mas comigo pelo menos até agora não aconteceu.

Isabelle – Essa paixão pelo Jornalismo é uma paixão duradoura. Pelo visto as suas paixões costumam ser assim, duradouras. Temos aí um casamento que já duram 44 anos com a dona Maria Cecília. Como é que faz pra manter essas paixões por tanto tempo?

Zé Hamilton – Sobre o casamento, melhor que eu, vai responder o Paul Newman (ator e diretor cinematográfico norte-americano, 1925). O Paul Newman é casado com a mesma mulher há mais de 60 anos. E perguntaram um dia pra ele: “Como é que é manter um casamento por 60 anos?” E ele falou: “Olha, no começo foi difícil. No meio, foi muito difícil. E atualmente tá quase impossível”.

Todos – (risos)

Anchieta – Por quê?

Zé Hamilton – Porque as pessoas envelhecem, né? E também o pior é que as mulheres envelhecem.

Todos – (risos)

Zé Hamilton – A mulher não devia envelhecer...

Rafael Ayala – Do casamento do senhor, os frutos da união foram duas filhas. Como foi conciliar o trabalho, sempre viajando, com a paternidade?

Zé Hamilton – Olha, é difícil. Isso aí é porque minha mulher é muito caseira, muito voltada pra casa, pra família. Ela compensou em casa. Mas isso é que fez meu casamento durar. É difícil conciliar. Tem até uma história: o pessoal do *Globo Rural* viaja muito; a base é viajar 15 dias por mês e ficar 15 dias em casa. Então, contam lá que o repórter um dia chegou na mulher dele: “Oh querida (risos). Olha, querida, eu sempre procurei ser leal

com você, leal a ponto de contar isso que eu vou te contar agora. Olha, nessa viagem, isso acontece muito, mas dessa vez passou. Nós estávamos entrevistando uma veterinária jovem, bonita, tal. Aí convidamos ela pra almoçar com a gente. Foi almoçar com a gente... Aí levamos ela pra jantar e tal... Olha, pra encurtar o negócio, eu deixei a equipe no hotel e fui levá-la pra casa, mas antes a gente passou num lugar lá, e olha, quando eu vi, eu tava em cima dela. Aí eu lembrei de você. Aí saí”. E a mulher falou: “Ah, tá. Você sabe que com essa viagem sua, também aconteceu comigo um negócio parecido. Só que eu tava por baixo e não deu tempo de sair”.

Todos – (risos)

Isabelle – A dona Maria Cecília fala que pra ela foi um pouco complicada essa sua ausência. Ela teve em certo momento que servir como mãe e pai, já que a presença do Zé Hamilton geralmente era rara. Teté Ribeiro (filha caçula de Zé Hamilton) narra um episódio de quando ela era criança e vocês se reuniam ali na praça da Aclimação (bairro paulista) para montar peças de teatro. Teve uma vez que veio um americano passar um tempo lá e foi montada uma peça de teatro, onde o americano era o caubói e ainda era queimado. Você lembra dessa história?

Zé Hamilton – É de filminho. Eu tinha uma máquina Super 8 e fazia filminho com as crianças. E esse rapaz, Brian (Brian Dean, diretor-executivo da Comissão Interamericana de Etanol – CIE), é um americano que veio fazer intercâmbio aqui e ficou na minha casa porque a minha filha tinha ido pra lá (*Estados Unidos*). Primeiro minha filha foi pra lá, ficou um ano lá e depois veio um americano e ficou na minha casa, que é esse Brian. Aí a gente fez uns filminhos e pôs o Brian no meio, que era um cara interessante, criativo e inquieto. Hoje esse menino é assessor do Jeb Bush. Olha que coisa. O Governador da Flórida, né? É assessor especial do Jeb Bush pra etanol, que a Flórida tem muita produção de açúcar, de cana. Tem muita produção de cana. E o Brian é assessor do irmão do Presidente Bush. Olha aí...

Isabelle – Então vocês não queimaram o Brian não, né?

Zé Hamilton – No filme, né?

Isabelle – No filme.

Zé Hamilton – É, no filme.

Ítalo – Seu Zé Hamilton, o mesmo Zé que hoje é jornalista, que já foi ator, também já foi jogador de futebol nas épocas de Santa Rosa de Viterbo. O senhor era um bom jogador? Um bom zagueiro?

Zé Hamilton – Eu nunca tive tempo, nunca tive disciplina pra treinar direito. Como eu estudava fora, minha cidade só

José Hamilton Ribeiro e o jornalista Raimundo Pereira se encontram no café da manhã do hotel, onde os dois estavam, coincidentemente, hospedados.

A conversa foi rica, divertida, regada a projetos novos para a Televisão no Brasil. É a História do Jornalismo Brasileiro.

tinha até o grupo escolar, até o quarto ano primário. A partir dos onze anos eu saí da cidade. E nas cidades onde eu ia estudar, não conhecia o pessoal do futebol, não tava dentro do pessoal do futebol. E só jogava nas férias. Não dava continuidade. Nunca tive disciplina. Gostava como qualquer menino gosta. Eu jogava. Algumas vezes joguei umas partidas intensas, né? Mas o futebol não perdeu nada não.

Rafaella – E esse gosto pelo futebol ainda permanece hoje? Tem algum time que o senhor prefere? Torce?

Zé Hamilton – Eu sou palmeirense, mas eu gosto mais de jogador do que de time. Eu gosto de ver determinados jogadores. Eu atualmente gosto de ver o Ballack (*Michael Ballack, jogador alemão*), que tá no Real Madri (*na verdade atua pelo Chelsea, da Inglaterra*), o Riquelme (*Juan Román Riquelme, jogador argentino, joga no Boca Juniors da Argentina*) e o Valdívia (*Jorge Luis Valdívia, jogador chileno, atua pelo Palmeiras*). Do Brasil, o Valdívia.

Ítalo – O senhor é de ir a estádio pra ver jogo?

Zé Hamilton – Eu gosto de ir ao estádio. Sempre que eu posso eu vou. Quando tem companhia porque é chato ir sozinho. Pra achar um palmeirense hoje em dia tá difícil.

Julianna – Zé Hamilton, outra paixão são os cavalos. O senhor tem, inclusive, um cavalo chamado Limeiro. Essa paixão surgiu lá em Santa Rosa?

Zé Hamilton – Ah, é uma paixão antiga. E não é também só minha. Foi feito uma pesquisa por uma agência americana sobre qual é o animal que as pessoas mais gostam no mundo. E deu o cavalo. Porque o cavalo não tem chifre como a vaca, né? E não dá coice como a mula e o burro. Ele não joga espinho nem fogo. É um animal que não tem como agredir a pessoa. Cavalo que morde aí é cavalo de mau hábito, de mau comportamento, não é normal que cavalo morda as pessoas. Ele não sabe dar coice, cavalo não sabe dar coice. Então é um animal que não tem como agredir uma pessoa. Foi considerado o animal contra o qual há menos rejeição das pessoas.

Anchieta – Zé Hamilton, essas paixões do senhor pelo campo, pelo futebol, pelos cavalos são compartilhadas também por sua esposa e por suas filhas?

Zé Hamilton – Não, não tanto. Não tanto.

Anchieta – Mas o Jornalismo também é compartilhado pelas suas filhas. É uma paixão que vocês têm em comum?

Zé Hamilton – Pois é, tentei desviá-las dessa rota – difícil fazer Jornalismo – mas eu não consegui. Porque o Jornalismo é uma

carreira muito... Um mercado muito restrito, muito competitivo. Muito empurrar o outro pra tomar o lugar, né? Você pega uma cidade como São Paulo: quantos jornalistas tem numa cidade como São Paulo? Teria 2 mil jornalistas. Quantos engenheiros tem? Uns 30 mil, 40 mil. Oportunidade de trabalho pra um engenheiro, pra uma outra profissão, o mercado é muito maior, muito mais amplo.

Julianna – E, como se não bastasse, o genro também é jornalista: Sérgio Dávila (*correspondente da Folha de São Paulo em Washington*), que também atuou como correspondente de guerra – foi pra Guerra do Iraque. Vocês trocam figurinha sobre a profissão, sobre a cobertura de guerra?

Zé Hamilton – É, a gente se fala bastante sobre isso. Mas a minha mulher que conta essa história. Que um belo dia ela tá em casa e chego eu, né? E falo assim: “Ó, fui convidado pra ir pra Guerra do Vietnã, que você acha?”. “Não vá. Não vá porque é perigoso. Só é louco quem vai”. E eu fui. Aí 20 anos depois chega a filha dela chorando: “Oh mãe. Convidaram o Sérgio pra ir pro Iraque. Que que eu faço?”. “Fala ‘não’, mas ele vai”.

Todos – (*risos*)

Isabelle – Jornalista, a gente sabe, é uma classe de ego saliente, né? Como é que fica o ego de uma pessoa com sete prêmios Esso na bagagem?

Zé Hamilton – Eu acho que vaidade é uma parte do perfil da profissão. Por ela ser competitiva, a vaidade é um fator. Mas eu procuro não me deixar levar pela vaidade. Não me deixar me tornar inconveniente ou sei lá, me passar por sabido. Eu procuro não passar essa idéia no convívio com as pessoas, mas eu reconheço que a vaidade é um componente da profissão.

Carol Borralho – Zé, você nunca se entregou diante das dificuldades. É um homem espirituoso. O senhor inclusive fez piada até do trágico acidente que amputou a perna. Eu queria saber se essa característica foi herda-da de alguém ou se é nata do Zé Hamilton Ribeiro?

Zé Hamilton – Pois é, deve ter um pouco de genética, né? Do lado, por exemplo, dos meus



Raimundo Pereira foi repórter da Revista Realidade e, ao lado de Zé Hamilton, integra a lista dos grandes nomes do Jornalismo brasileiro.

Raimundo integrou a equipe que lançou a revista *Veja* e passou pela direção de grandes veículos da imprensa nacional, como os jornais *Opinião* e *Movimento* e a revista *Senhor*.

Menos de 20 minutos para o embarque de volta para São Paulo, Zé Hamilton se apresenta no aeroporto. O caranguejo e a conversa despreocupada foram motivos para o atraso.

Depois da despedida, Zé embarcou com um exemplar da *Entrevista* debaixo do braço para ler no avião. Cinco dias depois da despedida, Zé liga para Isabelle.

O motivo da ligação? Dar os parabéns pelo projeto da revista Entrevista e lançar algumas dicas importantes para o seu aprimoramento.

Quase 15 dias depois da entrevista, quem responde ao e-mail enviado pela produção na época das pré-entrevistas é Sérgio D'ávila, genro de Zé.

Sérgio, correspondente da Folha nos Estados Unidos, cede seus contatos e horários disponíveis para uma possível conversa. Estávamos no processo de edição.

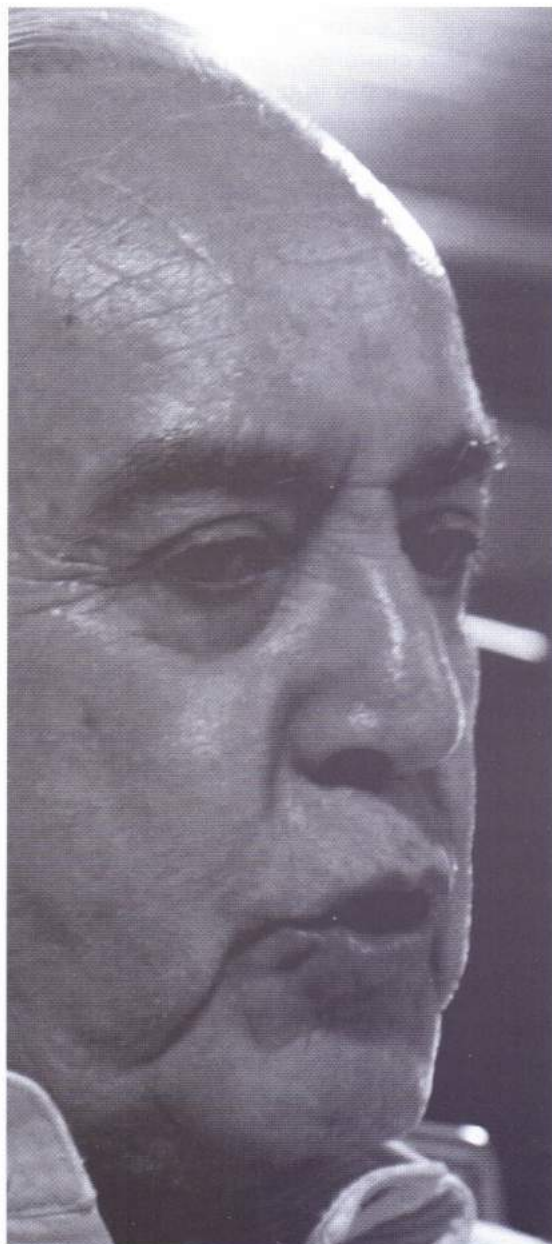
A edição da entrevista aconteceu na cantina do curso de Comunicação, ao lado de uma roda de capoeira. O "paranauê, paranauê paraná" animava o trabalho da equipe.

Agradecimentos: Julianna, ao Orkut; Rafael, ao Bob Marley; Isabelle, ao Graham Bell.

pais, a minha mãe era mais enérgica, tinha mais capacidade de luta. O meu pai gostava mais de tirar na bossa, sabe? Então eu acho que é mais da mãe essa característica. Mas é uma coisa que é natural em mim. A minha irmã mais velha, com oitenta e três anos, ela diz assim: "Pro Zé Hamilton não tem coisa difícil. Tudo ele acha fácil. Tudo é fácil". Mas então eu acho que é uma disposição mental, sabia? De não aceitar a negativa num primeiro momento, né?

Julianna – Agora a gente vai pra última pergunta. Zé, você já afirmou que o Jornalismo brasileiro é medíocre. A gente quer saber como é que você faz pra manter, nesses 52 anos de Jornalismo, esse fogo aceso pela profissão, essa paixão...

Zé Hamilton – Bem, eu acho que o Jornalismo brasileiro escrito no momento tá passando por uma crise. O escrito! Eu não diria que o televisivo esteja passando no momen-



to. O telejornalismo não está em crise. Aliás até o contrário, mas eu acho que o trabalho do jornalista independe um pouco do contexto ou da imprensa. A imprensa pode estar mal, com problemas econômicos, financeiros, às vezes com problemas políticos, como foi no caso da ditadura, mas o jornalista faz o seu papel, leva a sua vida, faz a sua vida profissional. Então... que é que eu ia dizer mesmo?

Isabelle – Em relação ao fogo aceso, como é que faz pra manter...

Zé Hamilton – Ah... Eu acho que a questão chave é a vocação. É um exemplo do Paulo Autran (1922-2007, faleceu seis dias antes da entrevista), aquele ator. Paulo Autran morreu com 85 anos e com a peça aberta. Parou a peça pra ir morrer. Se ele tivesse saído do hospital tava em função de novo. Ele fazia com prazer; fazia as peças, o teatro dele, com gosto. Porque era parte da vida dele.

Eu me lembro uma vez, fazendo uma reportagem na *Globo*, não no *Globo Rural*. Nós chegamos num determinado grau de dificuldade da matéria. Nós fomos atrás de um determinado personagem, de carro. Aí não tinha mais estrada, tinha que ir ou a pé ou montado em burro. Aí o câmera falou pra mim: "Eu não vou. O salário que eu ganho é pra andar de carro, não é pra andar de burro. Então eu não vou". Falei: "Olha, faz o seguinte, quando você voltar pra *Globo* você repensa se você tá na profissão certa. Se você tá vocacionado. Por que eu tenho que ir. Então se você não vai – nós tínhamos que caçar um personagem que tava adiante –, se você não for lá, eu tenho que ir, trazer o personagem aqui, fazer uma simulação pra você filmar, porque eu preciso filmar; esse personagem tá na matéria, é obrigado. Se você não for, eu tenho que trazer o personagem aqui. E se eu contar isso no Rio eles vão te mandar embora, mas eu não vou contar". E não contei mesmo.

Na matéria, voltando, eu tive que ir buscar o personagem lá, trouxe ele pra cá, arranjamos uma casa parecida com a casa dele, porque ele era importante na reportagem. Voltando pro Rio, não falei pra ninguém desse episódio. Mas algum tempo depois eu chego no Rio de novo: "Cadê o fulano?". "Rapaz, ele é chefe de um departamento lá num shopping center". É claro! Ele tava na profissão errada, profissão errada, sabe? Então aí que tá, a questão é se a pessoa tá vocacionada. Se ele analisou o perfil psicológico e acha que se encaixa, que tá dentro, aí é lutar contra o chefe de reportagem, tem que lutar contra o chefe de reportagem. Porque a luta do repórter é contra o chefe de reportagem, o diretor da redação, o editor... Patrão, né? Então tem que enfrentar isso aí tudo e tocar a banda...